



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

SABRINA RODRIGUES NUNES

A TIRANIA DO CONTROLE CORPORAL:

uma análise das concepções de corpos na produção de pesquisa apresentadas em TCCs no curso
de licenciatura em Educação Física da UFSC

Florianópolis

2023

Sabrina Rodrigues Nunes

A tirania do controle corporal: uma análise das concepções de corpos na produção de pesquisa apresentadas em TCCs no curso de licenciatura em Educação Física da UFSC

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Educação Física – Hab. Licenciatura, Centro de Desportos/CDS, da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Educação Física.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Carolina Christofari.

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Rodrigues Nunes, Sabrina

A tirania do controle corporal: uma análise das concepções de corpos na produção de pesquisa apresentadas em TCCs no curso de licenciatura em Educação Física da UFSC / Sabrina Rodrigues Nunes ; orientadora, Ana Carolina Christofari, 2023.

79 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Desportos, Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Educação Física. 2. corpo e escola. 3. educação do corpo. 4. Educação Física. I. Carolina Christofari, Ana . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Educação Física. III. Título.

Sabrina Rodrigues Nunes

A tirania do controle corporal: uma análise das concepções de corpos na produção de pesquisa apresentadas em TCCs no curso de licenciatura em Educação Física da UFSC

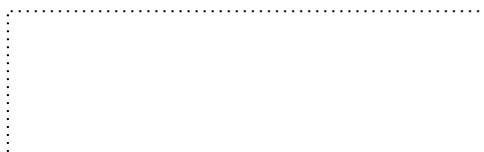
Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Licenciada e aprovado em sua forma final pelo Curso de Educação Física.

Florianópolis, 11 de outubro de 2023



Coordenação do Curso

Banca Examinadora



Profa. Ana Carolina Christofari, Dra.

Orientadora



Prof. Carlos Luiz Cardoso, Dr.

Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. Vitor da Silva Gonçalves, Me.

Rede Municipal de Ensino

Florianópolis, 2023

Dedico este trabalho àqueles que creem no poder da Educação Física para a emancipação, a Deus pela orientação, a meus familiares pela inspiração, à UFSC e aos professores pelo apoio, e aos futuros professores na busca por um mundo mais justo. Agradeço a todos que ousam transformar a Educação Física.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a todos que me apoiaram de forma significativa para a conclusão desta monografia – um marco em minha jornada acadêmica no curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Gostaria, também, de expressar minha gratidão especial a algumas pessoas que foram essenciais ao longo deste percurso, pois sem elas certamente não teria sido possível realizar este feito.

Primeiramente, gostaria de agradecer ao meu pai, Renato, cujo apoio e encorajamento sempre estiveram presentes em cada passo que dei ao longo dessa caminhada. Sua sabedoria, seu incentivo e exemplo de dedicação ao conhecimento foram fundamentais para o meu crescimento pessoal e acadêmico.

À minha mãe, Marcia, expresso minha gratidão pelo amor incondicional e pelo apoio emocional em todas as fases da minha vida. Sua presença constante, seu incentivo e sua confiança em minha capacidade foram pilares importantes para que eu pudesse persistir e superar os desafios encontrados.

Um agradecimento especial, também, à minha orientadora, Ana, cuja *expertise*, orientações e dedicação foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa. Sua disponibilidade, sua paciência, sua empatia, seu carinho e seu comprometimento foram essenciais para aprimorar meu trabalho e me guiar na busca por conhecimento.

Ao meu namorado, Cristian, agradeço por seu amor, compreensão e apoio incondicionais. Sua presença constante em minha vida, seu encorajamento para seguir em frente e crença no meu potencial foram verdadeiros incentivos para enfrentar os desafios e perseverar nesta jornada.

Desejo, ademais, estender minha gratidão à minha sogra, Dirce, que sempre me acolheu com carinho e apoio. Sua confiança e incentivo foram importantes para fortalecer minha convicção para alcançar meus objetivos.

Por último, mas certamente não menos importante, quero expressar minha sincera gratidão a todos os meus amigos que estiveram ao meu lado ao longo desta jornada. Aos bravos e leais companheiros de graduação, Dinamara, Iuri e Thiago, que me receberam de braços abertos nesta fase final chamada TCC. Às minhas amigas Aline e Eliziane, que estiveram comigo desde o início da minha jornada pessoal. Todos vocês foram meu apoio emocional, minha fonte de alegria e de motivação. Cada momento compartilhado, cada conversa, cada lágrima derramada, contribuíram para tornar esta experiência ainda mais valiosa e prazerosa. Agradeço profundamente a todos os mencionados e a todos os outros que, de alguma forma, estiveram presentes na minha vida acadêmica. Sem o apoio e colaboração de vocês, este trabalho não teria sido concluído com êxito.

O suporte a mim oferecido fez toda a diferença e sou imensamente grata por tê-los ao meu lado nesta trajetória.

Que este momento de gratidão seja apenas o começo de uma trajetória animada e repleta de conquistas para todos nós. Muito obrigada por tudo!

Com amor, Sabrina.

RESUMO

A medicalização é definida como um processo de transformação de questões sociais em patologias. Desse modo, considera-se como alvo da medicina questões de natureza política, econômica, social e cultural. Há um endereçamento de certos estudantes ao consumo de medicamentos para que “ajustem” seus modos de ser, aprender e se comportar na escola. Esse movimento nos convoca a problematizar de que maneira a Educação Física na formação acadêmica dos futuros professores, tem produzido a concepção de corpo. Desse modo, a presente pesquisa tem como objetivo analisar as monografias produzidas, que indicam um debate referente às concepções de corpo no contexto escolar, incidindo sobre as práticas da disciplina, no curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). No período de 2015 a 2021, iniciou-se o trabalho de balanço de produção para compreender quais concepções de corpos têm sido enfatizadas nas escolas. Para tanto, realizou-se, em primeiro momento, uma pesquisa bibliográfica no Repositório Institucional da UFSC. Em seguida, buscou-se identificar o que as pesquisas de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) têm discutido acerca da relação entre a concepção de corpo e a Educação Física no contexto educacional. Por fim, analisou-se as maneiras que a Educação Física tem compreendido o corpo e como estas concepções influenciam nas práticas pedagógicas do próprio campo. O recorte temporal escolhido está relacionado com o lançamento da quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition*, DSM-5), em maio de 2013, nos EUA. A importância desse marco reside no período necessário para que profissionais e pesquisadores se familiarizem com a nova edição e para que as análises e estudos relacionados a ela comecem a ser publicados. Como resultado da pesquisa, foram analisadas categorias que puderam auxiliar nesse processo de estudo é importante destacar que houve uma tentativa de rompimento com os paradigmas nos estudos sobre o ponto de vista do estudante-escritor, mas nota-se que esta mudança ainda está em estágios iniciais no contexto universitário. Assim, o debate sobre a concepção corporal se faz essencial, pois influencia diretamente na forma como as pessoas se percebem e interagem com o mundo ao seu redor. Além disso, essa discussão é crucial para a promoção de uma saúde mental e física equilibrada, bem como para combater estereótipos prejudiciais e padrões inatingíveis de beleza. Portanto, ao abordar a concepção corporal de maneira aberta e informada, é possível promover uma sociedade mais inclusiva, e consciente a partir da reflexão sobre a formação dos futuros docentes, no sentido de construir conhecimentos que possam romper com a lógica hegemônica, organicista e tecnicista que serviu de base para a formação de professores de Educação Física e que ainda se apresenta com ênfase em muitas práticas.

Palavras-chave: corpo e escola; educação do corpo; Educação Física.

ABSTRACT

Medicalization is defined as a process of transforming social issues into pathologies. In this way, issues of a political, economic, social and cultural nature are considered as the target of medicine. This movement calls on us to problematize how Physical Education in the academic training of future teachers has produced the conception of the body. Therefore, the present research aims to analyze the monographs produced, which indicate a debate regarding conceptions of the body in the school context, focusing on the practices of the discipline, in the Physical Education course at the Federal University of Santa Catarina (UFSC). In the period from 2015 to 2021, production balance work began to understand which conceptions of bodies have been emphasized in schools. To this end, firstly, a bibliographical research was carried out in the UFSC Institutional Repository. Next, we sought to identify what research in Course Completion Papers (TCCs) have discussed about the relationship between the conception of the body and Physical Education in the educational context. Finally, we analyzed the ways in which Physical Education has understood the body and how these conceptions influence the pedagogical practices of the field itself. The chosen time frame is related to the launch of the fifth edition of the Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition, DSM-5), on May 2013, in the USA. The importance of this milestone lies in the period necessary for professionals and researchers to become familiar with the new edition and for analyzes and studies related to it to begin to be published. As a result of the research, categories were analyzed that could assist in this study process, and it is important to highlight that there was an attempt to break with the paradigms in studies from the student-writer's point of view, but it is noted that this change is still in its initial stages in the academic context. Thus, the debate on body conception is essential, as it directly influences the way people perceive themselves and interact with the world around them. Furthermore, this discussion is crucial for promoting balanced mental and physical health, as well as combating harmful stereotypes and unattainable beauty standards. Therefore, by approaching body conception in an open and informed way, it is possible to promote a more inclusive and conscious society, based on reflection on the training of future teachers, in order to build knowledge that can break with the hegemonic, organicist and technicalist logic that served as the basis for the training of Physical Education teachers and still presents an emphasis on many related practices.

Keywords: body and school; education of the body; Physical Education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Modelo do quadro de levantamento bibliográfico	48
Quadro 2 – Quadro de dados das monografias analisadas	50

LISTA DE SIGLAS

EDF	Educação Física
EF	Ensino Fundamental
EI	Ensino Infantil
TCCs	Trabalhos de Conclusão de Cursos
LDB	A Lei de Diretrizes e Bases da Educação
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
RI/UFSC	Repositório Institucional da UFSC
SCIELO	Scientific Electronic Library Online

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
1.1	QUESTÃO NORTEADORA.....	17
1.2	OBJETIVOS.....	17
1.2.1	Objetivo geral.....	17
1.2.2	Objetivos específicos.....	18
1.3	JUSTIFICATIVA.....	18
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	24
2.1	MOLDANDO CORPOS E MENTES: UMA BREVE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	25
2.2	EDUCAÇÃO FÍSICA ALÉM DOS EXERCÍCIOS: O CORPO COMO ESPELHO DA SOCIEDADE.....	32
2.3	CORPOS EM QUESTÃO: EXPLORANDO A MEDICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	39
3	METODOLOGIA.....	44
3.1	CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO.....	44
3.2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	45
3.3	QUADROS DE DADOS MONOGRÁFICOS.....	50
4	ANÁLISE DE DADOS.....	52
4.1	ABORDAGENS SOBRE A PERCEPÇÃO DO CORPO NOS TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO.....	53
4.1.1	Rupturas, práticas e concepções de um corpo biológico.....	68
4.1.2	Contradições, discursos, práticas e concepções da Educação Física do corpo ao se movimentar.....	69
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	73
	REFERÊNCIAS.....	77

1 INTRODUÇÃO

É sabido que o processo de medicalização não é recente na sociedade, com alguns pesquisadores como Gaudenzi e Ortega (2012) relatando que o termo já vem sendo utilizado desde a década de 1960 e é debatido de maneira analítica, a partir de denúncias de que há uma ampliação cada vez mais intensa da atuação do campo da medicina em todas as esferas da vida. Os estudos de Michel Foucault presentes em *Vigiar e Punir* (1999) e *História da Sexualidade I* (1988), sobre o modo como estratégias foram historicamente criadas para controlar, punir, vigiar e disciplinar os corpos, com olhar na lógica do poder sobre o corpo ou no sistema de forças e saberes que o atravessam, nos possibilita pensar em estratégias atuais de vigiar e controlar esses corpos. Este controle corporal nos diz muito sobre a formação de sociedade relacionada aos desejos e necessidades de um sistema capitalista, contudo, este resultado de sociedade enfatiza mais a performance do que a própria compreensão sobre o que se está realmente aprendendo, sendo capaz de subjugar os sujeitos e manipulá-los ao ponto de produzir corpos dóceis e úteis a um determinado projeto de sociedade.

Observamos muitos casos em que crianças são medicalizadas devido aos problemas comuns na vida cotidiana, ignorando o impacto do contexto político, social, econômico e da pandemia. Esses problemas são rotulados como “questões clínicas sem necessidade”.

A medicalização é uma racionalidade médica que busca enquadrar uma variedade de questões comportamentais e sociais dentro do domínio da saúde, muitas vezes transformando-as em problemas clínicos a serem tratados com intervenções médicas. Por meio das pesquisas feitas, analisou-se os trabalhos que discutem a concepção de corpo a partir do campo da escola.

Analisou-se a temática do controle corporal na formação do curso de Educação Física (EDF) na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), para compreender as concepções produzidas em relação ao corpo e de que maneira interferem nas práticas pedagógicas na escola.

A falta de debate e de pesquisas de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) que discutam a relação do corpo com os processos de medicalização nos indica uma falta de interesse na temática ou a falta de interação com esta durante a formação acadêmica. Contudo, se a medicalização é um processo que vem se ampliando na escola, e se a compreensão de corpo é fundamental para a área de EF, por que não encontramos pesquisas que façam esta interlocução, nas pesquisas do curso de EF? O que o campo deixa de compreender ao não analisar este ponto de vista? Que compreensão de corpo terão os futuros professores? A raiz biológica sobre a concepção do corpo prevalece? A partir destas questões, estabeleceu-se um recorte temporal para as monografias analisadas, de 2015 a 2021. A escolha desse recorte se justifica por estar vinculado ao lançamento da quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição (*Diagnostic and Statistical*

Manual of Mental Disorders, Fifth Edition, DSM-5), em maio de 2013, nos Estados Unidos e em 2014 no Brasil. A relevância deste marco reside no tempo necessário para que especialistas e pesquisadores se adaptem à nova edição e para que análises e estudos associados a ela comecem a ser divulgados.

Ao compreendermos as concepções que produzem o entendimento de corpo, damos abertura para delimitarmos sobre qual corpo falamos e produzimos em nossa atuação como professores. Ao nos questionarmos, abrimos possibilidades para futuras pesquisas dentro da formação, e, desse modo, a pesquisa é apenas uma ponta inicial para os futuros profissionais de EDF.

O debate sobre medicalização tem ganhado relevância em razão dos aumentos de casos de crianças que passam a ser alvos ao terem seus comportamentos patologizados, principalmente após o período de reclusão em decorrência da pandemia de COVID-19 no Brasil. Evidências recentes sugerem que estes sujeitos estão voltando para as aulas com uma somatória da problemática de dois anos de isolamento, principalmente ao que se refere aos aspectos motores desses indivíduos. De acordo com a reportagem de Thaís Carrança (2022)¹, do Portal G1, relata-se que: “Um mapeamento feito pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, em parceria com o Instituto Ayrton Senna, divulgado em abril deste ano, identificou que 69% dos estudantes da rede estadual paulista relatam ter sintomas ligados à depressão e ansiedade” (Carrança, 2022).

Com tantos indícios como este, é crucial que estejamos inteirados sobre os aspectos que o processo de medicalização acarreta nesses sujeitos em formação, que perpassa toda a vida, não esteja sendo debatido nas instituições de ensino. A medicalização é um processo colocado em ação por pessoas que tem conhecimento do que estão fazendo, tem intenções, tem um fundamento que baseia a ação, concepção de formação humana e de mundo. Desta forma, observa-se o surgimento de um problema desafiador no campo da EDF, e diante de tal contexto, constata-se que a medicalização emerge como um problema a ser investigado dentro da formação.

O objetivo do presente estudo é compreender o modo como o corpo tem sido conceituado socialmente. Com isso, busca-se, ainda, compreender qual a racionalidade que rege determinadas práticas sem relação ao corpo. A medicalização seria uma prática sobre o corpo? A quem interessa? Para tanto, a pesquisa terá como fonte de busca os TCCs do curso de licenciatura em EDF da

¹ CARRANÇA, Thais. Crise de saúde mental nas escolas: 'alunos estão deprimidos, ansiosos, em luto e faltam psicólogos'. G1. [S. L.], 25 ago. 2022. p. 1-1. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2022/08/25/crise-de-saude-mental-nas-escolas-alunos-estao-deprimidos-ansiosos-em-luto-e-faltam-psicologos.ghtml>. Acesso em: 15 set. 2023.

UFSC. Essa pesquisa pretende, ainda, identificar as pesquisas que dão enfoque ao período de 2015 a 2021, para assim discutir sobre a relação do movimento da medicalização e as práticas nas aulas.

Pode-se dizer que temos poucos estudos no contexto brasileiro que se dedicam à temática da medicalização na área da EDF escolar. Portanto, a relação entre saúde e educação, nessa perspectiva que engloba o debate pelo viés da EDF, foi um grande desafio, bem como uma pesquisa que consideramos potente no debate das práticas escolares no campo em questão.

A maioria dos estudos da área articulam a inclusão, a atuação docente com pessoas com deficiência e a educação especial, tendo um maior foco para questões biológicas. A discussão, por sua vez, é pautada nos diagnósticos de pessoas com deficiência e no desenvolvimento motor quando relacionados aos descritores da referida pesquisa, criando um espaço ainda vazio em termos de produção científica.

O principal desafio enfrentado por muitos pesquisadores da área é a falta de aporte literário para embasar a temática, é como se a EDF - licenciatura não legitimasse o processo de medicalização invisibilizando uma forma específica de conceber a formação humana e o corpo. Dessa maneira, este estudo propõe delinear uma ruptura nos padrões de pensamentos da área ao longo do processo de análise dos trabalhos de conclusão de curso.

1.1 QUESTÃO NORTEADORA

Como as concepções de corpo são apresentadas nos trabalhos de conclusão do curso em Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina?

1.2 OBJETIVOS

Os objetivos deste trabalho compreendem a identificação das monografias presentes no RI/UFSC (Repositório Institucional da UFSC), a partir da relação que os futuros professores estão discutindo sobre a concepção de corpo e a Educação Física no contexto educacional. Deste modo analisar de que maneira a Educação Física tem compreendido o corpo e como essas concepções influenciam nas práticas pedagógicas da Educação Física, para que possamos assim, discutir sobre a relação do movimento da medicalização e a concepção de corpo atualmente.

1.2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar as concepções de corpo presentes nas monografias produzidas por estudantes no curso licenciatura em EDF da UFSC, no período de 2015 a 2021.

1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar o que as pesquisas de TCCs têm discutido a partir da relação entre a concepção de corpo e a EDF no contexto educacional;
- Analisar de que maneira a EDF tem compreendido o corpo e como essas concepções influenciam nas práticas pedagógicas da EDF;
- Investigar e questionar as bases teóricas que fundamentam a construção de uma concepção de corpo, buscando compreender como diferentes perspectivas influenciam a nossa compreensão do corpo humano e os desafios que essa diversidade conceitual pode representar.

1.3 JUSTIFICATIVA

Analisar as concepções sobre o corpo na área de EDF é fundamental para compreendermos as práticas docentes que têm sido perpetuadas nas escolas e as possibilidades de ruptura com as perspectivas tradicionais de ensino. Deste modo, para compreender como a noção de corpo foi construída ao longo da história e as formas como o contexto social de cada época delimitou os comportamentos dos indivíduos nas instituições de ensino, se faz fundamental analisar este movimento dentro da própria formação. O que é um corpo? O que pode um corpo?

Corpo robusto, corpo biológico, corpo social, corpo histórico, corpo torturado, disciplinado, controlado; corpo sadio, adoecido, virado do avesso, classificado, rotulado. O corpo foi entendido de múltiplas formas ao longo da história. Na educação, o corpo sempre foi alvo de ações de punição, rotulação, de disciplinamento e controle. Na EDF, essas ações, ditas educacionais e pedagógicas, buscaram formatar os corpos às necessidades de produção social. Corpos desobedientes, fora da norma, corpos castigados por não estarem nos parâmetros do ideal. Nas escolas, os corpos das crianças foram sendo alvo de ações que expropriavam os sujeitos de seu próprio controle, ações que objetivaram o silenciamento e a inércia corporal. A exemplo da palmatória, alguns castigos físicos foram transformando o corpo em objeto de campos discursivos. Atualmente, vemos a ênfase na racionalidade médico-clínica incidindo sobre o corpo no que tange aos processos escolares. Temos necessidade de diagnósticos para pensarmos as práticas pedagógicas para aqueles estudantes que fogem ao padrão hegemônico de corpo e comportamento. Percebemos isso com a medicalização dos modos de ser e estar na escola com as abordagens de Moysés (2013), Christofari (2014), Freitas (2011) e de Christofari, Freitas e Baptista (2015), e com a medicação de corpos que não param (Freitas, 2011). A partir dessas concepções, cabe questionar se a área de EDF tem discutido o conceito de corpo e se tem produzido conhecimentos que potencializem o debate de um corpo histórico, social, cultural, complexo e em constante mutabilidade.

A discussão sobre cultura escolar se faz importante pois fundamental para entender, melhorar e transformar o sistema educacional, bem como promover a igualdade, a justiça e o desenvolvimento de cidadãos críticos em um mundo em constante mudança para conseguirmos romper com lógica biológica que impera nessas instituições. Para tal compreensão a definição de Cultura Escolar, por Pérez Gómez (1999) define cultura escolar como um conjunto de práticas, valores, normas e rituais que caracterizam a vida nas escolas. Essa cultura influencia profundamente a forma como a educação é transmitida e vivenciada no ambiente escolar. Os objetivos da Escola pelo Gómez (1999), a escola deve ser um lugar onde os alunos não apenas adquirem conhecimento, mas também se desenvolvem como cidadãos críticos, participativos e autônomos. Ele acredita que a escola deve promover uma cultura de aprendizado que vá além da mera transmissão de informações, incentivando a reflexão, a análise e a construção de significado. Portanto compreende que o ambiente escolar é formado por inúmeras particularidades e que todas as disciplinas e docentes são importantes para a formação de um jeito integral. Onde a EDF não pode se ausentar nessa formação, mas sim, fortalecer a emancipação dos sujeitos nesses espaços.

A escola é um ambiente que frequentemente se transforma em palco de disputas e conflitos em várias dimensões. Isso ocorre devido a uma série de fatores, incluindo diferenças ideológicas, debates sobre o currículo, lutas por poder entre administradores, professores e pais, bem como questões relativas à inclusão, diversidade e desafios culturais e sociais. Esses conflitos podem envolver debates sobre política, questões sociais, diversidade e igualdade, e podem impactar a gestão escolar, políticas educacionais e a qualidade da educação. Lidar com essas tensões é fundamental para garantir que a escola cumpra sua missão de fornecer educação de qualidade e promover a formação cidadã.

Antes de tornar-se uma disciplina escolar, a atividade física ocorria, segundo Ramos (1982), ao citar uma carta de Pero Vaz de Caminha, relacionando a compreensão do corpo com uma liberdade de movimento e de ações, por exemplo, por meio das práticas de dança de povos indígenas. A caça era uma forma de explorar a natureza e seus corpos no meio em que estavam inseridos, utilizando a percepção corporal como meio de compreensão da relação corpo e meio ambiente. Desse modo, a relação com o corpo era, de certa forma, mais livre.

Com a implementação da prática da EDF nas escolas no Brasil Império (ainda como prática e não como disciplina), surgiram os primeiros tratados sobre esta área de estudo, de modo a unificá-la enquanto disciplina escolar. Com a implementação dessa disciplina na escola, a partir dos métodos ginásticos, houve uma compreensão de que a prática da EDF deveria ser realizada com o intuito de aprimoramento físico dos indivíduos, compreendendo o corpo apenas como organização biológica. Assim, de acordo com Chicon (2008, p. 15):

Desenvolver e fortalecer física e moralmente os indivíduos era, portanto, uma das funções a serem desempenhadas pela Educação Física no sistema educacional e um dos aspectos que a identificava. Outro aspecto que a caracterizava era o seu caráter científico conferido a partir do referencial oriundo das ciências biológicas, referencial este que sustentava seu conteúdo de ensino, os métodos ginásticos, compostos de séries de exercícios elaborados a partir dos critérios rígidos próprios daquelas ciências.

Chicon (2008) analisa o modo como “higiene, raça e moral pontuavam as propostas pedagógicas e legais que contemplavam a EDF escolar em suas primeiras iniciativas” (p. 16), estabelecendo, assim, o fortalecimento da prática higienista pautada em um viés biologicista. Já com o militarismo, havia ainda um foco no biológico, porém agora em uma padronização com o objetivo principal na ideologia da eugenia e a preparação para a defesa da pátria. A história da EDF é composta por momentos cuja compreensão sobre o corpo vai se transformando. Apesar disso, conseguimos perceber que a raiz da formação em uma concepção biológica, sem a relação com a história do sujeito e sua cultura, ainda está presente nas concepções de formação humana e de sujeito na educação.

É a fim de compreender os modos como tem se produzido a concepção sobre o corpo que o presente TCC foi elaborado. Afinal, é de fundamental importância analisar os modos como temos produzido concepções sobre o corpo, os embasamentos que fundamentam tais concepções e, sobretudo, como consideramos o corpo nas nossas práticas pedagógicas e na própria atuação docente.

O corpo segue sendo instrumento de controle, disciplinamento e punição no processo educacional. Na EDF, de maneira mais específica, percebe-se que atualizamos as formas de punição, de controle e de coação corporal como métodos de inibir estes corpos sobre a prática. Tem-se um pensamento tendencioso ao diagnosticar os estudantes que causam incômodo, seja pelos seus corpos inquietos, seja pelas suas condutas dentro das salas de aula, retirando a responsabilidade da escola e culpabilizando o estudante em relação aos desafios escolares. Ao mesmo tempo que essas situações acontecem, há a defesa de práticas voltadas à cultura corporal, à inclusão escolar e à valorização da diversidade humana. Esse movimento nos faz pensar em um processo de disputa por um tipo de formação humana; uma disputa de saberes que são colocados em jogo quando discutimos e produzimos concepções sobre o corpo. Esta contradição nos mostra algumas mudanças de concepção, embora nos apresente, também, os modos como o fundamento biológico se fazem presentes atualmente. A exemplo disso, podemos considerar o processo da medicalização em ação nas escolas com o olhar biologizante e patologizante, atuantes na contemporaneidade. Esses movimentos nos convocam a pensar na própria dinâmica da escola que

produz uma prática social muito singular e própria do ambiente escolar. De acordo com Silva, (2006)

tem elementos que desenham a cultura escolar sendo os principais elementos “os atores (famílias, professores, gestores e alunos), os discursos e as linguagens (modos de conversação e comunicação), as instituições (organização escolar e o sistema educativo) e as práticas (pautas de comportamento que chegam a se consolidar durante um tempo)”. (SILVA, 2006, p. 202)

Dessa forma, a vida interna da escola passa a ser constituída por uma complexa teia de relações entre esses elementos, cada um contribuindo para a construção de uma concepção de corpo dentro do ambiente educacional. O corpo do estudante se torna um foco de tensão, refletindo as múltiplas visões e objetivos que competem dentro da escola. Por um lado, observamos a persistência de práticas disciplinares que buscam controlar e moldar os corpos dos alunos, muitas vezes ignorando as causas subjacentes de comportamentos disruptivos. Por outro lado, há esforços para promover a valorização da diversidade humana e a inclusão de estudantes com diferentes características e necessidades. Nesse contexto, é evidente a influência de perspectivas teóricas, como o enfoque biológico, que se manifesta na medicalização e na patologização de certos comportamentos, muitas vezes desviando o foco das questões sociais e emocionais que também afetam o desempenho escolar. A complexa dinâmica da cultura escolar, composta por atores, discursos, instituições e práticas, é fundamental para entender como a concepção de corpo se forma e evolui na educação física e no sistema educacional como um todo.

Entendemos que o corpo deve ser compreendido de forma social e histórica. Entretanto, o corpo tem sido tratado a partir de sua constituição biológica, de maneira geral, nas produções acadêmicas, como a obesidade, o gênero, o envelhecimento etc., sem que haja um aprofundamento para compreender esse corpo no seu contexto, como se sua constituição se desse única e exclusivamente pelo desenvolvimento orgânico, deixando de lado um aprofundamento teórico sobre questões que compõem o corpo, tais como: contexto social, relações estabelecidas com o meio ambiente, a desigualdade social, entre outras. Ou seja, um corpo produzido social e historicamente.

Além desses pontos de reflexão que geraram a oportunidade da pesquisa, há uma motivação pessoal, por ser uma temática muito discutida pelo viés da Educação Especial, área que tem sido de interesse desde antes de iniciar a formação no curso de EDF. Mobiliza-se por ter uma experiência com dois familiares com deficiência, (deficiência física adquirida em um acidente de trânsito no ano de 2004 e Síndrome de Down). Portanto, há um sentimento de convocação a compreender as barreiras existenciais que estão intrinsecamente nas estruturas físicas dos ambientes e no olhar reducionista da sociedade em relação aos limites e possibilidades do corpo de uma pessoa com

deficiência. Dessa forma, há uma instigação para entender os aspectos que criam as barreiras que são colocadas para o desenvolvimento desses sujeitos. Logo, busca-se compreender os limites e possibilidades de um corpo para além de um debate organicista e biologicista, enfatizando a constituição de sujeito em sua complexidade, logo em relação com o social.

Ampliando o debate para a escola, podemos dizer que comportamentos considerados desviantes, modos de aprender e expressar a aprendizagem que fogem ao padrão considerado “normal” na escola, são alvo de uma lógica que busca enquadrar os sujeitos em um único modo de ser, com performances que apresentam resultados que a escola julga como insuficientes. Quando os estudantes escapam deste enquadramento, passam a ser considerados como problemas. Desse modo, produz-se um olhar capacitista no qual não se ressalta as potencialidades do indivíduo e os elementos que os constituem. O capacitismo inviabiliza a história de vida de cada um e os atravessamentos que a compõe e que produzem preconceitos tais como: desigualdade social, racismo, produção diagnóstica.

Há, atualmente uma dinâmica que enfatiza os processos de medicalização de criança que se comportam fora do padrão considerado “normal”. O corpo precisa ser parado, precisa ajustar-se ao que se espera dele, e ao delimitar o corpo em apenas uma estrutura que deve seguir rigidamente o que se espera dele, recai-se em um limbo de transtornos por serem corpos que não são considerados “padronizados”, seja por características físicas ou comportamentais. Por extensão, a lógica excludente avançou tanto, de forma biologicista e capacitista, que até mesmo as crianças que não têm diagnósticos ou que não necessitam de medicamentos estão sendo capturadas pela lógica da medicação em massa.

Durante o curso de graduação de EDF, no Estágio I, feito na UFSC, na escola campo caracterizada como uma instituição pública e federal, surgem já questionamentos em relação às crianças que fazem uso de medicamentos mesmo sem terem sido diagnosticadas. Tal situação produz questionamentos, como: por que crianças sem diagnósticos estão sendo medicadas? Quais as reais necessidades dos estudantes? A quem interessa um estudante medicado? Esses questionamentos convocam a pensar sobre a formação inicial acadêmica e o quanto ela vai produzindo as concepções de corpo, de formação humana, de aprendizagem e de formação e atuação docente. Em uma orientação de estágio, a professora orientadora do Ensino Fundamental (EF) da escola campo, comentou que antes do fechamento das escolas em março de 2020, por decorrência da COVID-19, os estudantes que apresentavam comportamentos considerados atípicos na escola-campo não faziam uso de nenhum medicamento. No entanto, com a volta às aulas, as professoras tiveram um grande espanto por alguns estudantes voltarem à instituição com diagnósticos e outros sem, mas em ambos os casos fazendo uso de medicamentos para tratamento

de questões comportamentais. Percebe-se nesta ação a concepção biologizante de formação humana, pois desconsiderou-se todo contexto político, social, econômico e pandêmico que mundialmente isolou as pessoas. As crianças medicadas foram negligenciadas na compreensão em relação ao seu processo de formação. Intervenção química no corpo que necessita funcionar dentro daquele que se espera dele. Com isso, sentiu-se a necessidade de abordar o assunto pelo incômodo de como as crianças estavam passando pelo processo de medicalização, visando a compreensão de seus comportamentos na instituição. A medicalização é um processo que se caracteriza por transformar questões que são de origem coletiva, ou seja, política, econômica e social, em um problema individual.

Michael Foucault (1999), em sua obra *Vigiar e Punir*, apresenta o modo como foram sendo construídas as práticas de punição do corpo desviante. Foucault afirma que, ao longo do tempo, o corpo desapareceu como alvo principal de repressão penal, nos trazendo o pensamento de que as práticas punitivas deixaram de ser aparentes, como as agressões físicas, para outras formas de punições atualizadas, como tirar o recreio, impedir que o aluno faça aula de EDF, impor que crianças sem a roupa adequada não irá poder fazer a aula de EDF, O aluno pode ser solicitado a realizar uma tarefa adicional ou ações para corrigir ou compensar seu comportamento inadequado, entre outras formas de punição. A punição e disciplinamento, a partir de uma estratégia de controle corporal via medicamentos, está cada vez mais presentes nos dias atuais, compreendendo o indivíduo apenas como contextualização, por uma única possibilidade de constituição.

Considerando as práticas no período da pandemia, os processos de medicalização e medicação ganharam destaque. Em outros momentos históricos em que se fazia uso de determinadas estratégias de controle corporal, por exemplo, os castigos físicos como a palmatória e o cantinho do pensamento, as práticas contemporâneas atualizam-se a partir da lógica médica, destinando o corpo, agora, ao foco da performance, ao comportamento controlado dentro de ambientes reducionistas, pois, durante a pandemia, os corpos se viram estáticos, não só pelo fato de não estarem mais nas escolas, mas isolados em suas casas nas situações sociais e econômicas mais diversas.

As metodologias relacionadas às práticas corporais foram se aperfeiçoando ao longo dos anos, de modo que, na EDF, podemos citar as concepções de ensino da área, sendo elas: Aulas Abertas, Crítico Emancipatória, EDF e Saúde, Esportivização e Crítico Superadora. Todas elas circundam suas bases históricas, perpassando pelo contexto educacional ao longo dos anos, fortalecendo ou rompendo, de alguma maneira, as bases do higienismo e do militarismo. O ensino perpassava a lapidação comportamental. Atualmente, no processo de escolarização, há inúmeras modificações no reconhecimento do ambiente escolar como um espaço democrático e com

potencial inclusivo. Com os novos olhares, houve uma ressignificação destes elementos. No entanto, a punição daqueles que rompem com as normas estabelecidas passa a ser redesenhada de uma maneira diversa daquelas de tempos passados.

A medicalização e medicação podem ser considerados movimentos que atualizam as punições físicas, os castigos e a exclusão pela inacessibilidade à escola. Agora, tem-se uma defesa da escola democrática, na perspectiva inclusiva, e muitos que antes não estavam na escola, agora, participam dela. Mas cabe ressaltar que há práticas proficientes em excluir quem não se enquadra na lógica hegemônica do resultado que se espera dos estudantes – e é sempre sobre o corpo que incidem as manifestações de punição.

A temática da medicalização e as questões que englobam o corpo não foram oportunizadas ao longo da formação em licenciatura no curso de EDF. Apenas uma disciplina se dedica a articular este tipo de debate, tendo ela apenas dois créditos. A temática da medicalização e patologização da vida não tem sido oportunizada para os profissionais que já estão atuando e vivendo de perto com todo este desarranjo causado pelas limitações da pandemia.

A presente pesquisa tem por foco, portanto, compreender como as concepções de corpo nos cursos de EDF são apresentadas nos TCCs. Os profissionais licenciados estão saindo do curso de EDF com quais concepções de corpo? Como compreendem a relação do corpo com as práticas escolares? Para a composição do *corpus* da pesquisa, fez-se, inicialmente, uma busca no Repositório Institucional da UFSC, seguida de uma organização das leituras em uma tabela comparativa, visando a disseminação tanto do tema quanto dos conceitos estabelecidos até o momento sobre as concepções corporais trazidas pelos futuros professores.

Como um incentivo a mais aos debates que compõem esta temática, reitera-se a importância da pesquisa. Deste modo, a mesma se torna pioneira ao abordar e relacionar a EF no curso de licenciatura com o processo de medicalização, a partir de uma concepção de corpo que o compreende como uma construção social, e não individual, do ser na condição humana. Compreende-se, assim, uma concepção de corpo produzido nas e pelas práticas sociais, sendo possível incentivar o processo de medicalização e medicação ou romper com essa prática evitando que esses processos tornem-se basilares à atuação docente. Contudo, a não compreensão e a falta de legibilidade deste assunto na formação acadêmica causa uma lacuna na formação dos futuros professores, e, portanto, pode incentivar outros estudantes a explorarem a temática mais a fundo, bem como as demais conceituações que orientam uma compreensão de corpo.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 MOLDANDO CORPOS E MENTES: UMA BREVE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

A Educação Física (EDF) no Brasil teve sua origem no século XIX, com a chegada da família real portuguesa para o Brasil, em 1808. Neste período, houve um impulso no desenvolvimento educacional e cultural, mas a EDF ainda não ocupava o posto de disciplina formal nas escolas, com ênfase sendo dada à educação clássica. A área foi influenciada pelas correntes pedagógicas europeias e pelos contextos sociais, psicológicos do séc. XX, com as ideias higienistas e a influência das concepções europeias acerca do campo da EDF sendo inicialmente disseminadas no Brasil. A atividade física passou a ser vista como importante para a saúde e a formação dos jovens. É importante salientar que foi apenas durante Era Vargas (1930-1945), que a disciplina de EDF começou a ser formalmente incorporada ao currículo escolar, como parte da reforma educacional da época. Foi nesse período que surgiram as primeiras escolas de EDF no país, e apenas a partir da instituição da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1961, que a disciplina tornou-se obrigatória nas escolas brasileiras, consolidando sua posição como disciplina curricular.

Estes momentos foram decisivos para a incorporação da EDF enquanto componente curricular, porém, cabe ressaltar o período histórico que abarcou a chegada das escolas ginastas ao país, a partir da qual a EDF foi influenciada por diferentes correntes, passando por cinco fases distintas: higienista, militarização, pedagogização, competitiva e popular (Lima, 2015; Nunes; Rubio, 2018).

A chegada das escolas ginastas ao Brasil incentivou a formação da EDF no país e teve suas bases reforçadas a partir da influência das escolas ginastas europeias, que buscavam difundir práticas corporais sistemáticas, ou seja, eram baseadas em métodos e abordagens estruturadas para o desenvolvimento físico e motor dos indivíduos. Estas práticas envolveram exercícios precisos e progressivos, voltados para o aprimoramento da força, flexibilidade, coordenação e resistência, buscando não apenas a melhoria da condição física, mas também o cultivo de valores como disciplina, dedicação e autodiscernimento (Lima, 2015).

Essas escolas, fundamentadas nos princípios da ginástica sueca, alemã e francesa, chegaram ao Brasil no século XIX, trazendo consigo novas visões sobre o corpo e sua relação com a saúde. Suas fundamentações eram baseadas em princípios biológicos, com conceitos oriundos de um movimento mais abrangente, abandonando aspectos culturais, políticos e científicos (Lima, 2015). Desse modo, a visão que se tinha antes dos métodos ginásticos era de um corpo livre, a partir do qual o indivíduo desenvolvia suas tarefas mediadas pelas necessidades sociais. Já com a inserção destas práticas ginásticas na escola, a concepção passou a ser baseada, inicialmente, na

constituição de um físico saudável e equilibrado organicamente, menos suscetível às doenças, e, portanto, visavam a eugenia (*Ibid.*). Por este viés, os movimentos deveriam ser padronizados e específicos para modelar corpos masculinos, já que, nesta época, as mulheres eram encorajadas a ter corpos esbeltos. A atividade física e o exercício eram desencorajados para o gênero feminino, pois se acreditava que estes poderiam prejudicar sua "fragilidade".

Cabe ressaltar que ambas as orientações eram sensíveis a necessidade da Educação Física, porém, a sua incorporação no ensino regular não ocorreu de forma tranquila. Nem sempre os argumentos médicos foram suficientes para romper com os preconceitos que ainda cercavam a Educação Física, que era julgada imoral, especialmente no que diz respeito a sua aplicação as mulheres (Soares, 1994, p. 83).

Neste contexto educacional, a mulher não era vista como um sujeito com necessidades e, portanto, colocava-se que a "educação" das mulheres tinha o objetivo de preservar a ordem e a produção em uma sociedade, indicando uma visão utilitarista das mulheres, algo que Soares (1994, p. 28) descreve como:

A necessidade de criar em torno da mulher um conjunto de tarefas que ideologicamente só poderiam ser por ela executadas tornava-se absolutamente indispensável. E é dentro de um quadro de ameaça a produção que a "educação" da mulher torna-se fundamental para a manutenção da ordem.

Imperava uma visão que refletia uma perspectiva historicamente patriarcal e sexista. Soares (1994) coloca que, do ponto de vista ideológico, certas tarefas deveriam ser executadas exclusivamente por mulheres, criando um conjunto de expectativas e papéis de gênero rígidos para a época. Chicon (2008, p. 15), por sua vez, coloca que:

Desenvolver e fortalecer física e moralmente os indivíduos era, portanto, uma das funções a serem desempenhadas pela Educação Física no sistema educacional e um dos aspectos que a identificava. Outro aspecto que a caracterizava era o seu caráter científico conferido a partir do referencial oriundo das ciências biológicas, referencial este que sustentava seu conteúdo de ensino, os métodos ginásticos, compostos de séries de exercícios elaborados a partir dos critérios rígidos próprios daquelas ciências.

Deste modo, os métodos ginásticos, quando implementados pelo instrutor ou pelo professor, eram caracterizados por tratar todos os participantes das sessões de forma homogênea, estereotipada e com a mesma intensidade. Os estudantes eram obrigados a repetir os gestos mecânicos do instrutor, sem considerar as suas particularidades e necessidades específicas (Chicon, 2008). Desde então, a disciplina passou por diferentes vertentes e abordagens, refletindo as transformações históricas e ideológicas do país. Como já dito anteriormente, podemos considerar pelo menos cinco fases em relação à organização e objetivos da EDF, considerando o contexto brasileiro. Na fase denominada "higienista", a EDF enfatizava a importância da higiene

e da saúde pública como meios para melhorar a qualidade de vida das pessoas (Lima, 2015). Essa fase teve grande influência no século XIX e início do século XX, tendo impacto significativo nas concepções do corpo, na medicina e na sociedade em geral. Nesse sentido, a prática de exercícios físicos era voltada para a elite, com influências de modelos europeus. Segundo Chicon (2008), a EDF era vista como um instrumento de eugenia e disciplina social. Portanto, promovia a ideia de que o corpo humano era um "templo da saúde" que deveria ser cuidado e preservado. Isso levou à uma ênfase na autodisciplina e na responsabilidade individual pela própria saúde, incentivando, na época, o desenvolvimento da medicina preventiva e fomentando a cultura do corpo.

A militarização da EDF teve destaque em diferentes momentos, com picos durante as duas Guerras Mundiais (1914-1918 e 1939-1945, respectivamente), sendo denominada com fase de "militarização". Conforme o nome indica, a EDF era influenciada por ideais militaristas, como o nacionalismo e o patriotismo, sendo usada como uma ferramenta para promover esses ideais entre os estudantes (Lima, 2015). A ditadura militar via a EDF como uma maneira de fortalecer o espírito cívico e o amor à pátria, com a "preparação física e moral" sendo a ênfase dada para a preparação física dos estudantes, com a ideia de que um corpo saudável e bem treinado era fundamental para o desenvolvimento moral e cívico. A disciplina e a obediência eram características valorizadas, a partir das quais a EDF era frequentemente ministrada, em geral por instrutores com formação militar. Nos programas, eram frequentemente incluídos os exercícios de estilo militar, como corridas e marchas que buscavam promover a disciplina e a obediência. Existia, também, um enfoque em esportes e em competições, especialmente aqueles que eram vistos como tradicionalmente brasileiros, dentro do próprio currículo de EDF. A competição esportiva era incentivada como uma forma de promover o espírito competitivo e a camaradagem entre os estudantes e o controle da cultura física, pois o governo tinha controle sobre a cultura física e os eventos esportivos no país. Isso incluía a censura de eventos esportivos e a promoção de atletas e esportes que estavam alinhados com os ideais do regime.

Em vista disso, Foucault (1999, p. 162) afirma que "seu corpo é o brasão de sua força e de sua valentia". Homem máquina, adestrado, um corpo manipulável. Corpo preso no interior de práticas de investimento que impõe limitações e obrigações, exercendo sobre ele uma correção sem folga. Mantém-se assim, no nível da mecânica: gestos, comportamentos, movimentos. Como afirma Foucault (1999), práticas que intentam a economia e a eficácia dos movimentos. Ou seja, um corpo coagido ininterruptamente pelos regimes autoritários. Seguindo o modelo europeu, a disciplina era utilizada como meio de preparação para o serviço militar.

Essa forma de instrução física militar, destinada as massas, embora disseminasse, do ponto de vista ideológico, a moral e o patriotismo, apresentava um forte conteúdo

higiênico e tinha por finalidade primeira tornar os corpos ágeis, fortes e robustos. Em momento algum a saúde física deixou de pontuar aquelas propostas, e o corpo anatomofisiológico sempre foi seu objeto de atenção. O viés médico-higiênico emprestava o caráter científico que, juntamente com a moral burguesa, completava o caráter ideológico (Soares, 1994, p. 54).

Portanto, via-se estas nuances nas aulas de EDF: uma abordagem bastante disciplinada e focada na formação física e moral dos sujeitos. A principal ênfase era colocada no desenvolvimento da disciplina, obediência, trabalho em equipe e preparação física dos sujeitos, tendo-se como objetivo o fortalecimento dos corpos dos estudantes e a sua preparação para desafios físicos como a guerra em defesa da pátria, por exemplo. Além disso, a EDF militarista enfatizava também a educação moral e cívica. Os estudantes aprenderam sobre o patriotismo, a honra, o respeito pelos símbolos nacionais e os valores como disciplina, lealdade e obediência. Este movimento ajudou a criar um senso de identidade nacional e lealdade ao regime que estava instaurado na época e, por esse motivo, a EDF foi integrada ao currículo escolar de forma a reforçar os valores do regime.

Já a fase de "pedagogização", desenvolvida ao longo do século XX, ganhou destaque a partir do período pós Segunda Guerra Mundial, período em que a disciplina de EDF passou a ser vista como um componente curricular e foi influenciada pelas correntes pedagógicas da época. Nessa fase, houve uma preocupação com o desenvolvimento integral do aluno, considerando aspectos físicos, cognitivos e afetivos (Nunes; Rubio, 2008). Portanto, nessa fase, houve uma mudança significativa nas concepções de corpos em relação à EDF. O corpo passou a ser visto como um instrumento de ensino e aprendizado.

A concepção de corpo passou a ser relacionada à ideia de uma educação integral, que visa desenvolver não apenas as habilidades físicas, mas também as habilidades sociais, emocionais e intelectuais dos estudantes (Lima, 2015), sendo o corpo considerado, então, como parte integral do processo educativo. Também houve um reconhecimento crescente da importância da inclusão e da diversidade na psicomotricidade. Os educadores passaram a considerar as necessidades e as capacidades individuais dos estudantes, adaptando as atividades físicas para atender a uma ampla gama de habilidades e interesses, trazendo uma ênfase no desenvolvimento motor das crianças (Nunes; Rubio, 2008), o que incluiu a compreensão de que as crianças passam por estágios de desenvolvimento motor e que a EDF deve ser adaptada de acordo com esses estágios, proporcionando atividades adequadas à idade e ao nível de habilidade dos alunos. A EDF, na fase de pedagogização, também passou a valorizar a ideia de educação permanente ao longo da vida, incentivando as pessoas a manterem um estilo de vida ativo e saudável ao longo de toda a vida.

Na fase "competitivista", que esteve presente em diferentes momentos da história, houve um aumento significativo em eventos esportivos e programas de treinamento competitivo ao longo do séc. XX. Isso inclui a promoção dos Jogos Olímpicos e competições esportivas em escolas e clubes, e com o advento do esporte moderno, a EDF adotou esta abordagem competitiva, em que resultados e performance são destacados como sendo o principal objetivo da prática. Houve, também, uma valorização dos aspectos técnicos e de rendimento esportivo, sendo a prática esportiva vista como um meio de formação e seleção de talentos. Essa fase foi marcada pela influência de eventos esportivos internacionais e pela busca de resultados (Lima, 2015), estando as concepções de corpos relacionadas à preparação física para o desempenho esportivo e à excelência atlética. Na corrente competitiva, o corpo era frequentemente visto como uma máquina a ser aprimorada e otimizada para atingir seu máximo desempenho atlético. A ênfase estava na preparação física, no desenvolvimento de força, resistência e habilidades específicas necessárias para o sucesso no esporte. Os corpos eram treinados de forma intensiva para atingir níveis superiores de desempenho, o que envolvia rotinas rigorosas de treinamento, incluindo condicionamento físico, técnica esportiva e táticas de jogo. Em muitos casos, a especialização precoce em um esporte específico era encorajada, com atletas jovens focando em um único esporte para alcançar a excelência, o que muitas vezes resultava em uma visão estreita das habilidades atléticas e do desenvolvimento físico. Os corpos ideais durante a corrente competitiva eram aqueles dos atletas de elite, os quais eram vistos como modelos de saúde e aptidão, e suas características físicas, como força, velocidade e resistência, eram valorizadas acima de tudo.

Por fim, a fase "popular" na EDF começou a ganhar destaque a partir da segunda metade do século XX, na medida em que houve uma crescente ênfase na promoção da atividade física para a saúde e o bem-estar de todos, não apenas de atletas ou de militares – ênfase essa que perdura até os dias atuais. A corrente popular na disciplina de EDF destaca a importância da atividade física e do movimento para a promoção da saúde, do bem-estar e da participação de todos, independentemente do nível de habilidade atlética. Nela, as concepções de corpos estão relacionadas a uma abordagem mais inclusiva e holística da atividade física, buscando tornar a mesma acessível para todas as pessoas, independentemente de idade, de gênero, de habilidade atlética ou de condições físicas. Ela promove a ideia de que todos podem se beneficiar da atividade física, e ao invés vez de focar apenas em esportes competitivos, a corrente popular abraça uma ampla variedade de atividades físicas, incluindo a caminhada, a corrida, a dança, a ioga, o ciclismo e outras práticas que podem ser realizadas de forma recreativa e prazerosa.

É importante ressaltar que estas fases, ou correntes, não surgiram e desapareceram abruptamente, mas evoluíram ao longo do tempo, muitas vezes coexistindo e influenciando umas as outras.

A EDF, nas circunstâncias apresentadas, pode ser entendida como uma forma de disciplinamento. Para Foucault (1999), a EDF é vista como parte de um sistema mais amplo de disciplinamento que opera nas sociedades modernas. Ela desempenha um papel na normalização dos corpos, na criação de hierarquias de desempenho e na vigilância e correção dos comportamentos físicos, contribuindo para a conformidade dos indivíduos às normas e expectativas sociais. Deste modo, Foucault (1999, p. 234) afirma:

[...] enquanto por um lado os estabelecimentos de disciplina se multiplicam, seus mecanismos têm uma certa tendência a se desinstitucionalizar, a sair das fortalezas fechadas onde funcionavam e a circular em estado “livre”; as disciplinas maciças e compactas se decompõem em processos flexíveis de controle, que se pode transferir e adaptar. Às vezes, são os aparelhos fechados que acrescentam à sua função interna e específica um papel de vigilância externa desenvolvendo uma margem de controles laterais. Assim, a escola cristã não deve simplesmente formar crianças dóceis; deve também permitir vigiar os pais, informar-se de sua maneira de viver, seus recursos, sua piedade, seus costumes.

Segundo o estudioso, as práticas sociais são descritas visando moldar, controlar e regular os corpos dos indivíduos de acordo com normas e padrões seguidos. Isso se manifesta na ênfase dada à saúde, ao condicionamento físico e ao culto ao corpo atlético, que são elementos fundamentais que perpassam de alguma forma por todas as fases da EDF escolar.

Ao aplicar essa perspectiva à EDF, é possível enxergar como essa disciplina pode ser um veículo para exercer o poder e o controle social. De acordo com Foucault (1999), esse controle acontece por meio de práticas pelas quais as instituições sociais exercem controle sobre os corpos dos indivíduos. Isso ocorre a partir de práticas como exercícios físicos, treinamento esportivo e educação corporal. Foucault também enfatiza que a EDF contribui para a normalização dos corpos, ou seja, para a criação de padrões normativos de saúde, aparência e desempenho físico.

Os indivíduos são levados a se ajustarem a estes padrões, criando corpos "normais" de acordo com as normas da sociedade. O pesquisador argumenta, ainda, que a EDF está integrada nas instituições disciplinares, como escolas e prisões, que desempenham um papel fundamental na disciplina e no controle dos indivíduos. Nessas instituições, a EDF serve como um meio de moldar corpos disciplinados, a organização de competições e vigilância constante sobre o corpo dos indivíduos, podendo se tornar um instrumento de normalização e disciplinamento. Assim, de acordo com Foucault (1999, p. 164), “esses métodos que permitem o controle minucioso das

operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas”.

O autor situa a EDF como parte de um sistema mais amplo de disciplinamento que opera nas sociedades modernas. Ela desempenha um papel na normalização dos corpos, na criação de hierarquias de desempenho e na vigilância e correção dos comportamentos físicos, contribuindo para a conformidade dos indivíduos às normas e expectativas sociais.

Dentro desse contexto, A cultura corporal e a cultura corporal do movimento são dois conceitos fundamentais na educação física e nas ciências do esporte. A cultura corporal abrange um amplo espectro de conhecimentos, práticas e valores relacionados ao corpo humano, abrangendo desde manifestações esportivas até rituais culturais e de lazer que moldam nossa compreensão e experiência do corpo. Por outro lado, a cultura corporal do movimento concentra-se especificamente nas práticas de movimento e atividade física, explorando a maneira como o corpo se movimenta e interage com o ambiente. Essa cultura abrange esportes, danças, jogos, exercícios e todas as atividades que envolvem o movimento humano. Ambos os conceitos desempenham um papel crucial na formação da identidade pessoal, social e cultural, bem como na promoção da saúde e do bem-estar. Compreender e valorizar a cultura corporal e a cultura corporal do movimento é essencial para uma educação física enriquecedora e uma apreciação mais profunda das complexas relações entre o corpo humano e a sociedade.

A EDF na sociedade atual vem conceituando a questão da cultura corporal de movimento. O Estudioso Valter Bracht (2005), considera a cultura corporal de movimento como um conceito amplo e complexo que engloba todas as manifestações e práticas relacionadas ao movimento humano em uma sociedade. Em sua perspectiva, a cultura corporal de movimento inclui não apenas atividades esportivas e de lazer, mas também dança, jogos, ginástica, expressões corporais e outras formas de movimento.

O aspecto fundamental da visão de Valter Bracht (2005) sobre a cultura corporal de movimento é a compreensão de que essas práticas não são neutras, mas profundamente influenciadas por fatores sociais, culturais, políticos e econômicos. Ele argumenta que as práticas de movimento são moldadas pela cultura e, ao mesmo tempo, contribuem para a construção e a expressão da cultura de uma sociedade.

Quando se discute o controle corporal nas escolas, geralmente se refere ao modo como as instituições educacionais lidam com o corpo dos alunos, incluindo a imposição de padrões de beleza, a ênfase em atividades físicas competitivas, a discriminação com base no corpo, entre outras questões. A visão de Bracht (2005) sobre a cultura corporal de movimento destaca que as

práticas corporais e de movimento estão enraizadas na cultura e, portanto, são influenciadas por esses fatores sociais.

A história da EDF no Brasil é marcada por transformações ao longo do tempo em que houveram diversas influências culturais, sociais e econômicas no país. As diferentes vertentes e abordagens refletem as influências sociais, políticas e ideológicas de cada época. A EDF tem suas fases que acompanham os movimentos sociais e políticos motorizados pelos interesses em uma determinada forma de educação corporal, de formação humana. No entanto, devemos compreender cada momento destacado como transformações, e não avanços, que muitas vezes carregam resquícios de concepções consideradas retrógradas. Compreender esta trajetória é fundamental para analisar o papel da EDF na sociedade contemporânea, além de possibilitar a percepção do quanto as concepções dos corpos se moldaram dentro das conjunturas sociais específicas. Portanto, promover uma ruptura de um disciplinamento que visa a lógica biológica dos corpos e criando novas possibilidades de uma prática mais inclusiva e democrática nas aulas se faz essencial nos dias de hoje.

2.2 EDUCAÇÃO FÍSICA ALÉM DOS EXERCÍCIOS: O CORPO COMO ESPELHO DA SOCIEDADE

O corpo emerge como um tópico intrinsecamente envolvente que instiga considerações profundas e variadas em diversas disciplinas, tais como a biologia, a sociologia, a filosofia e a antropologia. Dentro deste espectro multidisciplinar, podem ser identificadas perspectivas frequentemente contraditórias, as quais proporcionam análises discrepantes acerca da interação entre o corpo biológico e o corpo social, bem como a maneira pela qual a cultura corporal se manifesta nesse encontro complexo.

É indubitável que a nossa sociedade, ao longo de sua história, tem perpetuado normatizações e estereótipos corpóreos. Um enfoque hegemônico que dá primazia à dimensão biológica em detrimento do entendimento cultural, social e psicológico do corpo, ressaltando a inseparabilidade entre o biológico e o cultural, continua a exercer sua influência tanto nos currículos de formação em EDF quanto na cultura em geral. Consequentemente, é possível observar indivíduos aprisionados em padrões impostos de um corpo “ideal” e dispostos a empreender esforços consideráveis para moldar seus corpos a aquilo que é percebido como “perfeição”.

Esta reflexão adquire uma relevância preeminente no contexto da EDF, uma vez que propicia a oportunidade de contextualizar a evolução histórica das concepções acerca do corpo ao

longo dos anos. Além disso, sinaliza a necessidade imperativa de romper com a hegemonia da perspectiva estritamente biológica do corpo. Como se pode, então, desafiar a lógica dominante que nos aprisiona? Como é possível engajar com os estudantes sem cair na armadilha de rotular, classificar e excluir, em vez de enxergar seus corpos como elementos analíticos e manipuláveis?

Dentro do âmbito da EDF, emergem questionamentos persistentes em relação a paradigmas estabelecidos e à dualidade entre corpo e mente, os quais têm sido alvos de discussões profundas, possibilitando uma revisão crítica das abordagens utilitaristas, biologicistas e mecanicistas. Atualmente, é imperativo perguntar-se: como concebemos nossos próprios corpos? Como cada estudante compreende a sua própria corporeidade? De que maneira a EDF pode contribuir, por meio de estratégias pedagógicas inovadoras, para a promoção de uma concepção do corpo que reconheça a multiplicidade de fatores envolvidos e a sua interligação com práticas sociais mais amplas?

O corpo biológico se refere à estrutura anatômica e regulatória do corpo, suas funções de manutenção e seus processos orgânicos. O corpo biológico é regido por leis naturais e não possui controle consciente sobre si mesmo. Deste modo, a estrutura biológica do corpo refere-se às características físicas e fisiológicas de um organismo vivo e é resultado de processos biológicos complexos, incluindo o funcionamento dos sistemas orgânicos, a estrutura genética, o crescimento e o desenvolvimento.

No entanto, é importante ressaltar que mesmo o corpo biológico não é dissociado dos aspectos sociais, históricos e culturais. A sociedade exerce influência sobre nossa relação com o corpo biológico, determinados padrões de beleza, de saúde e de comportamento. Nesse sentido, podemos falar em uma interação entre o corpo biológico e o corpo social. Esta perspectiva é ressaltada por Giffin (1991, p. 105):

[...] a necessidade de retomar a questão das diferenças biológicas entre homem e mulher numa perspectiva que não dependa do estabelecimento de limites entre o biológico e o social na construção de cada gênero, mas que considere os gêneros como entidades biosociais em relacionamento, situados em contextos históricos específicos.

Ao nos referirmos ao corpo social, falamos dos padrões de comportamento, papéis e normas sociais que influenciam a forma como vivemos nossas vidas. O corpo social é moldado pelas instituições e estruturas sociais, como a família, a escola, o trabalho e a mídia. Ele é construído a partir das expectativas da sociedade em relação ao corpo, como o ideal de corpo magro, jovem e atlético.

Compreende-se, assim, que o corpo social diz respeito à dimensão coletiva e interativa do corpo humano, um corpo que está inserido em um contexto social, cultural e histórico. Ele é moldado por normas, valores e práticas sociais que afetam a maneira como as pessoas vivenciam e percebem seus corpos. Nesse sentido, o corpo social é construído por meio do sofrimento social, de representações vividas e de relações de poder. O corpo social é influenciado por fatores como gênero, etnia, classe social e idade, os quais determinam as experiências corporais e as possibilidades de movimento de cada indivíduo.

No entanto, a dimensão mais complexa e flexível do corpo é a cultura do corpo, entendida como um fenômeno histórico que varia de acordo com o contexto cultural e histórico, e que influencia os modos dos sujeitos se vestirem, se alimentarem e se relacionarem com o mundo e com os outros corpos. A cultura do corpo é também o espaço no qual se desenvolve o controle corporal proposto por Foucault (1999). Na obra *Vigiar e Punir*, Foucault (1999), ao discutir o controle social exercido sobre os corpos, mais especificamente no contexto das prisões, faz uma análise profunda das estruturas de poder que atuam na disciplina e no controle dos indivíduos. Ele problematiza não apenas a natureza punitiva do sistema prisional, mas também questiona as formas de vigilância e normalização que moldam os corpos dos detentos. O autor ainda explora como o sistema penitenciário não apenas restringe a liberdade dos prisioneiros, mas também influencia profundamente suas identidades e subjetividades, tornando-os objetos de um poder disciplinador que busca moldar e controlar não apenas seus comportamentos, mas também seus corpos e mentes. Neste contexto, ele problematiza a relação entre poder, controle social e corpo, revelando as complexas dinâmicas de poder que permeiam as instituições de punição.

Ele argumenta que o corpo é alvo de um poder disciplinar que busca moldá-lo e controlá-lo para se adequar aos interesses sociais e políticos. Nesse sentido, o controle corporal é uma forma de controle social que se manifesta por meio de técnicas disciplinares, como a vigilância constante e a hierarquização dos corpos de corpos desviantes, como apresentado em *Vigiar e Punir*:

[...] **Era o efeito, nos ritos punitivos, de uma certa mecânica do poder:** de um poder que não só **não se furta a se exercer diretamente sobre os corpos**, mas se **exalta e se reforça por suas manifestações físicas**; de um poder que se **afirma como poder armado**, e cujas **funções de ordem não são inteiramente desligadas das funções de guerra**; de um poder que faz valer as **regras** e as **obrigações como laços pessoais cuja ruptura constitui uma ofensa e exige vingança**; de um poder para o qual a **desobediência** é um ato de **hostilidade**, um começo de sublevação, que não é em seu princípio muito diferente da guerra civil; de um poder que **não precisa demonstrar por que aplica suas leis**, mas quem são seus inimigos, e que forças descontroladas os ameaçam; de um poder que, na falta de uma **vigilância ininterrupta**, procura a renovação de seu efeito no brilho de suas manifestações singulares; de um poder que se retempera ostentando ritualmente sua realidade de **superpoder** (Foucault, 1999, p. 74, grifos nossos).

Essas técnicas visam normalizar os corpos, tornando-os dóceis e produtivos de acordo com os padrões estabelecidos pela sociedade. O controle corporal é uma forma de exercício de poder que busca regular não apenas os comportamentos, mas também a própria existência do indivíduo. Foucault (1999), também coloca que:

Nesses esquemas de docilidade, em que o século XVIII teve tanto interesse, o que há de tão novo? Não é a primeira vez, certamente, que o **corpo é objeto de investimentos** tão imperiosos e urgentes; em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, **que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações**. Muitas coisas, entretanto, são novas nessas técnicas. A escala, em primeiro lugar, do **controle: não se trata de cuidar do corpo, em massa, grosso modo, como se fosse uma unidade indissociável, mas de trabalhá-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica – movimentos, gestos atitude, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo** (*Ibid.*, p. 163, grifos nossos).

No entanto, é importante ressaltar que o controle corporal não é um processo unidirecional. Ele também é permeado pela resistência e pelas agências individuais e coletivas. Os corpos não são meros objetos passivos de controle, mas também são sujeitos que resistem e subvertem as estratégias de poder. É nesta disputa entre poder e resistência que se constituem novas formas de relação com o corpo e de experiências corporais.

Na busca por romper com a padronização do corpo nas aulas de educação física, é fundamental criar um ambiente de aprendizado que promova a diversidade e a aceitação. Isso pode ser alcançado através da promoção da conscientização sobre a diversidade corporal e o incentivo a discussões que enfatizem a importância da saúde, bem-estar e habilidades físicas, em vez da aparência. Personalização das atividades, foco no desenvolvimento de habilidades, educação sobre autoestima e imagem corporal positiva, combate ao bullying relacionado ao corpo, e envolvimento dos alunos no planejamento das aulas são estratégias eficazes. Além disso, a formação de educadores, a colaboração com pais e responsáveis, e a modelagem de comportamento positivo são componentes essenciais para criar um ambiente de educação física onde a diversidade corporal seja valorizada e onde os alunos possam se sentir empoderados para cuidar de sua saúde física e emocional de maneira inclusiva e consciente.

Desse modo, a influência que as aulas de EDF têm sobre o corpo pode desempenhar um papel fundamental na construção da cultura do corpo na sociedade, construindo um espaço em que os estudantes podem aprender sobre saúde, boa forma física e práticas saudáveis de exercício. No entanto, também pode ser um espaço em que as normas corporais são apenas toleradas e no qual ocorre a exclusão de estudantes que não se encaixam nesses padrões.

A EDF se concentra, muitas vezes, na prática de esportes competitivos, o que pode beneficiar estudantes com características específicas e excluindo aqueles que não possuem habilidades esportivas ou não se enquadram nos padrões de corpo considerados “ideais”. Além disso, as aulas de EDF muitas vezes não levam em consideração as diferenças individuais dos estudantes, como a condição física, o gênero, a raça e a deficiência. Isso pode levar a uma perpetuação de estereótipos danosos e promover a discriminação.

Nesse sentido, é importante repensar a forma como as aulas de EDF são estruturadas e como os corpos são valorizados nesses espaços. É necessário promover uma EDF que seja inclusiva e que valorize a diversidade corporal, pois o modo como o corpo é percebido dentro da disciplina pode variar amplamente. Alguns professores e escolas podem adotar uma abordagem tradicional, vendo o corpo como uma ferramenta a ser moldada para atender a padrões físicos específicos, o que pode criar pressões e estigmas para os estudantes que não se encaixam nesses padrões. Outros podem adotar uma abordagem mais inclusiva, reconhecendo a diversidade de corpos e valorizando a aceitação e a autoestima.

Algumas aulas de EDF podem enfatizar o controle corporal de forma autoritária, impondo padrões rígidos de desempenho e comportamento. Isso pode criar um ambiente onde os estudantes se sentem julgados e pressionados a cumprir expectativas muitas vezes inatingíveis. É essencial considerar como as aulas de EDF podem ser inclusivas para estudantes de diferentes habilidades, gêneros, origens étnicas e culturais. O respeito à diversidade e a adaptação das atividades para atender às necessidades individuais dos estudantes são princípios importantes a serem considerados. Isso pode ser feito por meio da adoção de abordagens mais centradas no aluno, que levem em consideração suas necessidades individuais e proporcionem oportunidades para que todos se envolvam e se beneficiem das atividades físicas.

Se faz necessário compreender que o respeito à diversidade corporal e promoção de um ambiente que permita que todos os estudantes se envolvam e se sintam incluídos. Criar um ambiente escolar mais inclusivo nas aulas de EDF requer um compromisso constante com a diversidade e a igualdade. Em relação a construção de uma prática inclusiva, é interessante que estratégias como um planejamento flexível, a comunicação aberta com os estudantes, a variedade de atividades, procedimentos de adaptações e de suporte individual, que podem incluir a utilização de equipamentos adaptados, a disponibilidade de apoio ou, ainda, o uso de estratégias de ensino adequadas as necessidades dos estudantes, entre outros.

Por este viés, o corpo pode ser compreendido em diferentes dimensões, como o biológico, o social e da cultura do corpo. Essas dimensões interagem e se influenciam mutuamente, moldando nossa percepção e relação com o corpo. O controle corporal proposto por Foucault (1999) se insere

nesse contexto, revelando o exercício de poder sobre os corpos, tanto no âmbito social quanto da cultura do corpo.

A partir dessas reflexões, é possível compreender que a relação entre o corpo biológico, o corpo social e a cultura do corpo envolvem aspectos como poder, controle, representações e resistências. Reconhecer a influência das normas e práticas sociais na construção do corpo é fundamental para promover uma reflexão crítica sobre os ideais de corpos impostos pela cultura, permitindo a valorização da diversidade e o respeito à autonomia e à subjetividade dos indivíduos.

Em suma, o corpo biológico, o corpo social e a cultura do corpo são elementos interligados que se influenciam mutuamente. O corpo biológico é moldado e interpretado a partir de influências sociais, culturais e históricas, que constroem as representações e os valores atribuídos ao corpo.

A cultura do corpo, por sua vez, é fruto das questões sociais e abrange as normas, os ideais e as práticas associadas ao corpo em determinada sociedade. No entanto, podemos ressaltar a problematização desta relação, especialmente diante da medicalização do corpo e das imposições de padrões corporais inacessíveis. Uma reflexão crítica sobre as dinâmicas de poder, controle e resistência presentes nessa relação torna-se presente para promoção de uma cultura do corpo mais inclusiva, diversa e respeitosa.

Deste modo, podemos integrar esse conceito a escola, onde a cultura corporal refere-se ao conjunto de práticas, valores, conhecimentos e atitudes relacionados ao corpo e ao movimento que são promovidos e vivenciados no ambiente escolar. Ela abrange diversas dimensões do corpo, desde atividades esportivas e recreativas, práticas expressivo-comunicativas que podem acontecer de diferentes formas (danças, ginástica, jogos) e que externalizam de maneira subjetiva o modo de se perceber no mundo a partir da expressão corporal. Considerando a cultura corporal como objeto a ser estudado pelo campo da Educação Física, entende-se que sua especificidade se relaciona com a função social da escola e entendendo a partir das práticas corporais, as múltiplas formas de comunicação, de expressão, de construção de sujeitos que constroem a cultura escolar e que também são influenciadas por ela. "Acreditamos e defendemos que a cultura corporal se configura dimensão constituinte da produção cultural humana, condicionada histórica e socialmente" (Souza Júnior, et al., 2011, p. 393).

Promover uma cultura corporal e compreender a cultura escolar no chão da escola é essencial para o desenvolvimento integral dos estudantes, mas também para a definição do objetivo da Educação Física. A cultura escolar, como um conceito que abrange as práticas, valores e tradições que moldam a vida na escola, desempenha um papel crucial nesse contexto. Ela não se limita apenas ao currículo acadêmico, mas também influencia a maneira como as escolas encaram questões como a promoção da saúde e do bem-estar dos alunos.

A cultura escolar inclui as normas e valores que guiam a abordagem da escola em relação à Educação Física, à atividade física e à importância do corpo e da saúde mental na vida dos estudantes. Portanto, ao fomentar a experiência e o entendimento de uma cultura corporal, as instituições educacionais estão, de fato, moldando a cultura escolar de maneira mais ampla. Isso contribui para criar um ambiente de aprendizado que não apenas ensina conhecimentos acadêmicos, mas, promove valores essenciais para a formação integral dos estudantes

Deste modo a cultura escolar, de acordo com Pérez Gómez (1999), se refere a todas as práticas, valores e tradições que moldam a vida na escola e influenciam o processo educativo. Ela desempenha um papel significativo na forma como a educação é transmitida e recebida pelos indivíduos dentro do contexto escolar. Essa cultura influencia a forma como as atividades educacionais são conduzidas, a interação entre estudantes, professores e comunidade escolar e como o conhecimento é construído. A cultura escolar pode variar de uma escola para outra e de um país para outro, pois é influenciada por fatores como história, sociedade, filosofia educacional e políticas educacionais.

É importante notar que a cultura escolar não é estática e pode mudar ao longo do tempo devido a influências externas, mudanças na administração da escola, novas políticas educacionais ou alterações na composição da comunidade estudantil. Compreender a cultura escolar é importante para os educadores, pois pode ajudá-los a adaptar suas abordagens pedagógicas e estratégias de ensino para atender às necessidades dos estudantes e promover um ambiente de aprendizado eficaz.

Para que possamos construir uma educação crítica, emancipatório e de qualidade, é essencial adotar uma abordagem educacional que valorize a autonomia, a crítica e a participação ativa dos estudantes em seu próprio processo de aprendizado. Isso envolve a criação de ambientes de ensino que reconheçam as experiências individuais e contextos culturais dos alunos, permitindo que eles se identifiquem com o conteúdo curricular e vejam sua educação como relevante para suas vidas.

Além disso, é importante construir práticas docentes que permitam e potencializem a prática dos estudantes em questionar, analisar e refletir sobre o conhecimento, em vez de apenas receber informações passivamente. Isso significa incentivar o pensamento crítico, o debate e a resolução de problemas, dando aos estudantes a oportunidade de expressar suas opiniões dentro do contexto escolar.

2.3 CORPOS EM QUESTÃO: EXPLORANDO A MEDICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Discutir os processos de medicalização e medicação na formação acadêmica do curso de licenciatura em EDF é fundamental para compreender a dinâmica escolar e as múltiplas facetas dos processos de exclusão que são produzidas atualmente. Corpos medicalizados, corpos medicados, corpos controlados; na educação, existe um interesse por estes processos de controle, pois, em algumas situações, as escolas podem ver a medicalização como uma maneira de lidar com comportamentos difíceis de serem gerenciados em sala de aula. Assim, para os pais e/ou responsáveis, a medicalização interessa, pois alguns podem achar que a medicalização é uma solução rápida para os problemas de comportamento ou aprendizado de seus filhos.

Este capítulo aborda a interseção entre a medicalização e a prática pedagógica no âmbito da EF, explorando como o uso de medicamentos (como psicoestimulantes) tem sido uma estratégia adotada para lidar com questões comportamentais e de aprendizado de estudantes em idade escolar. Além disso, investigaremos as implicações desta prática para o desenvolvimento físico, emocional e social dos alunos, bem como os desafios éticos e pedagógicos que ela coloca para educadores, profissionais de saúde e familiares. Neste cenário de crescente medicalização na escola, é essencial compreendermos as complexidades envolvidas e buscarmos alternativas que promovam uma educação inclusiva e de legitimação das múltiplas formas de nos relacionarmos com o mundo e nos constituirmos como sujeitos.

Ao analisar as concepções de corpo na atualidade, percebe-se um panorama complexo e multifacetado que está diretamente relacionado às práticas de medicalização nas escolas. No contexto educacional contemporâneo, o corpo é frequentemente encarado de forma fragmentada, com suas manifestações físicas, comportamentais e emocionais sendo, muitas vezes, dissociadas em prol de abordagens estritamente medicalizantes. Esta perspectiva reducionista tem impactos significativos nas aulas de EDF, cuja ênfase em padrões de desempenho físico sobrepõe-se com frequência à promoção de uma relação saudável e holística com o corpo.

A medicalização, ao buscar soluções pautadas em uma racionalidade médica para questões relacionadas ao comportamento e ao aprendizado, tende a suprimir a compreensão do corpo como uma entidade integral, afetando a autonomia, a autoestima e a autoimagem dos estudantes.

Nesse sentido, o processo de medicalização tem se tornado um modo de controle dos corpos desviantes nas escolas, estabelecendo padrões normativos de comportamento e desempenho, dentro dos quais o resultado específico ganha ênfase, negligenciando a possibilidade de acompanhamento do processo. A medicalização, ao produzir um campo discursivo que entende os comportamentos humanos como patologias, alimenta a engrenagem da convocação dos saberes

médicos na escola. Dessa forma, os conhecimentos pedagógicos necessários a uma educação na perspectiva inclusiva, que discute o que se tem entendido como desenvolvimento humano e aprendizagem, passam a ser invisibilizados no contexto escolar. O resultado desse processo é uma homogeneização das experiências e dos corpos, marginalizando aqueles que não se encaixam nesses parâmetros ditos “ideias”, ao invés de promover uma educação que legitime a diversidade, promovendo o crescimento e o desenvolvimento de todos os estudantes de maneira inclusiva e integral.

A medicalização é um fenômeno que tem se intensificado nos últimos anos, especialmente na educação. Esse fenômeno refere-se ao processo pelo qual questões sociais, políticas, econômicas, emocionais e comportamentais são transformadas em problemas médicos a serem tratados. Este processo tem impactos significativos sobre os corpos na escola, especialmente nas aulas de EDF, nas quais o controle corporal é frequentemente problematizado, com Moysés (2008) afirmando que a medicalização é fruto do processo de transformação de questões sociais e humanas em questões biológicas.

A medicação é um termo que se refere ao uso de medicamentos para tratar doenças ou sintomas físicos e pode ser necessária em alguns casos, especialmente quando há uma condição médica que requer tratamento farmacológico. No entanto, o problema surge quando a medicação é amplamente utilizada para tratar problemas que são de natureza social, emocional ou comportamental. Deste modo, segundo Moysés (2008), a medicação é o ato de prescrever e administrar medicamentos para tratar doenças ou sintomas específicos.

É importante analisar o processo pelo qual determinados comportamentos ou dificuldades dos alunos são tratados como patologias e, conseqüentemente, levam à prescrição indiscriminada de medicamentos. Gaudenzi e Ortega (2012) afirmam que a medicalização pode ser entendida como uma forma de controle social, na qual problemas sociais são "convertidos" em problemas individuais e tratados com intervenções farmacológicas. Nesse sentido, Silva e Szymanski (2020) destacam a importância de se considerar as particularidades de cada criança, evitando generalizações e estereótipos. Tanto mães quanto professoras enfatizaram, na pesquisa, a necessidade de olhar para além do diagnóstico e considerar os interesses, habilidades e potencialidades individuais de cada criança.

Quando se trata do contexto escolar, é comum observar o uso de medicamentos para controlar determinados comportamentos ou sintomas em alunos, principalmente aqueles considerados hiperativos ou que têm dificuldades de aprendizagem. Esta prática, porém, levanta questionamentos sobre o controle corporal nas instituições e o processo de medicalização na sala de aula. Sendo assim, Moysés (2008, p. 3) define que:

A normatização da vida tem por corolário a transformação dos problemas da vida em doenças, em distúrbios. Aí, surgem, como exemplos atuais, os distúrbios de comportamento, os distúrbios de aprendizagem, a doença do pânico e os diversos e crescentes transtornos. O que escapa às normas, o que não vai bem, o que não funciona como deveria... Tudo é transformado em doença, em problema biológico e individual.

O autor argumenta que muitos aspectos da vida que anteriormente eram considerados desafios normais ou situações difíceis de outra natureza agora são medicalizados e diagnosticados como doenças ou transtornos. Os distúrbios de comportamento, de aprendizagem, a doença do pânico e outros transtornos mentais têm se tornado cada vez mais comuns e diagnosticados com mais frequência. Esta tendência, segundo Moysés (2008), resulta em uma medicalização da vida, em que qualquer desvio em relação às normas preestabelecidas é interpretado como uma disfunção biológica ou como um problema individual. Por meio destas ideologias enraizadas nas escolas, Silva e Szymanski (2020) afirmam que é preciso superar o foco excessivo nos diagnósticos e considerar as dimensões socioemocionais, culturais e contextuais das crianças.

Um exemplo de controle corporal na escola é o papel da EDF na padronização dos corpos dos estudantes. Segundo Signor, Berberian e Santana (2016), as aulas de EDF muitas vezes reforçam estereótipos corporais e promovem a exclusão de crianças que não se enquadram nos padrões estipulados, o que pode levar a problemas de autoestima e sociabilidade. Além disso, Caponi, Lajonquière e Martinhago (2021) destacam que o controle corporal nas aulas de EDF pode contribuir para a medicalização dos corpos, uma vez que alguns alunos são rotulados como "inaptos" ou "com déficit de atenção" simplesmente por não se encaixarem nas expectativas corporais impostas pelo sistema de ensino.

As aulas de EDF promovem espaços nos quais os corpos dos estudantes são diretamente envolvidos e tem como objetivo promover a saúde e o bem-estar físico. Apesar disso, muitas vezes torna-se palco de diversas formas de controle corporal. Através de exercícios padronizados e avaliações físicas, cria-se a ideia de um corpo "ideal" a ser alcançado, de um modo padronizado de se comportar e se expressar, e esta dinâmica pode gerar exclusão e constrangimento para aqueles que não se enquadram nas exigências impostas, potencializando o ponto de vista biologizante dos corpos.

Nesse contexto, a medicalização pode entrar em cena como uma forma de controle. Alunos que não se encaixam no modelo ideal de conduta ou que apresentam dificuldades motoras podem ser rotulados como "problemáticos" ou "doentes" e encaminhados para tratamento com o intuito de receberem um diagnóstico que justifique seu suposto "desencaixe" em relação à expectativa do professor. A questão do diagnóstico torna-se um problema quando ele é tomado como definidor

do sujeito e, sobretudo, quando serve de trampolim para o processo de controle dos comportamentos e das condutas.

Esse processo de medicalização e controle corporal está intimamente ligado ao poder e à normalização. Foucault (1999) argumenta que o poder se exerce por meio do controle e vigilância sobre o corpo, tornando-se uma forma de dominação exercida pelas instituições sobre os indivíduos. Por meio da imposição de normas e padrões corporais, padronizam-se e normalizam-se os corpos, criando um modelo idealizado que deve ser alcançado. De acordo com Foucault (1999, p. 208-209):

Aparece, através das disciplinas, o poder da Norma. Nova lei da sociedade moderna? Digamos antes que desde o século XVIII ele veio unir-se a outros poderes obrigando-os a novas delimitações; o da Lei, o da Palavra e do Texto, o da Tradição. O Normal se estabelece como princípio de coerção no ensino, com a instauração de uma educação estandardizada e a criação das escolas normais; estabelece-se no esforço para organizar um corpo médico e um quadro hospitalar da nação capazes de fazer funcionar normas gerais de saúde; estabelece-se na regularização dos processos e dos produtos industriais. Tal como a vigilância e junto com ela, a regulamentação é um dos grandes instrumentos de poder no fim da era clássica. As marcas que significavam status, privilégios, filiações, tendem a ser substituídas ou pelo menos acrescidas de um conjunto de graus de normalidade, que são sinais de filiação a um corpo social homogêneo, mas que têm em si mesmos um papel de classificação, de hierarquização e de distribuição de lugares. Em certo sentido, o poder de regulamentação obriga à homogeneidade; mas individualiza, permitindo medir os desvios, determinar os níveis, fixar as especialidades e tornar úteis as diferenças, ajustando-as umas às outras. Compreende-se que o poder da norma funcione facilmente dentro de um sistema de igualdade formal, pois dentro de uma homogeneidade que é a regra, ele introduz, como um imperativo útil e resultado de uma medida, toda a gradação das diferenças individuais.

O autor ainda destaca que a norma é estabelecida por meio de disciplinas, como a educação, a medicina e a indústria, e se tornou uma lei informal que molda o comportamento das pessoas. Ele menciona a educação estandardizada e a criação das escolas como exemplos de como a norma é aplicada no ensino, promovendo a homogeneidade e a conformidade. Foucault enfatiza, ainda, que a Norma desempenha um papel na regulamentação da produção industrial e na organização da sociedade como um todo, argumentando, também, que a Norma opera especialmente bem em um sistema de igualdade formal, no qual a homogeneidade é a regra, mas também permite a introdução de variações e diferenças individuais dentro desse sistema.

Em última análise, Foucault convida o leitor a refletir sobre como a Norma funciona como uma forma de poder que regula e controla a sociedade moderna, moldando nossos comportamentos e nossas relações sociais.

Desse modo, entender o corpo como uma entidade única é limitado e simplificado. Ele pode ser visto por meio de diferentes contribuições para o processo de medicalização e,

consequentemente, de medicação, sem uma avaliação mais ampla das questões que envolvem o estudante.

Para embasar ainda mais essa discussão, Foucault (1999) considera que a escola é um dos mecanismos de controle social que molda os corpos das crianças, impondo normas e disciplina. A medicalização, portanto, não é uma prática neutra, mas está inserida em um contexto histórico e social de controle e de poder sobre os corpos.

É importante refletir sobre as consequências desse processo. Ao tratar os problemas de comportamento ou dificuldades de aprendizagem como doenças e transtornos, corre-se o risco de mascarar questões mais profundas, como problemas emocionais ou familiares, mas, sobretudo, mascara-se a desigualdade social. Além disso, a dependência dos medicamentos pode limitar o desenvolvimento da autonomia e da capacidade de lidar com dificuldades de forma saudável.

Para que a escola seja um espaço de inclusão e respeito à diversidade, promovendo o desenvolvimento integral dos estudantes, podemos repensar as práticas de controle corporal nas aulas de EDF, buscando uma abordagem mais ampla que valorize as habilidades e capacidades individuais, sem reforçar estereótipos e padrões de normalidade.

A medicação e a medicalização dos corpos na escola são temas complexos e multifacetados. O objetivo aqui não foi analisar e desenvolver os conceitos e as práticas de maneira aprofundada e exaustiva, mas sim sinalizar que os processos de medicalização e de medicação têm construído uma determinada concepção de corpo, a qual se alinha ao viés biológico que ergue barreiras no desenvolvimento cultural e social do corpo. Desse modo, a EDF tem muito a contribuir na produção de um processo de ruptura do enclausuramento de uma percepção que segue sem legitimar a autonomia, a diversidade e a liberdade corporal. O controle corporal nas aulas de EDF também deve ser problematizado, de forma a garantir a inclusão e respeito a todos os corpos.

É importante ressaltar, por fim, que a discussão sobre a medicalização escolar não nega a existência legítima de transtornos psíquicos e neurobiológicos, nem questiona a eficácia dos tratamentos medicamentosos em certos casos. No entanto, destaca-se a necessidade de uma abordagem mais ampla e crítica, considerando os aspectos sociais, culturais e educacionais envolvidos.

3 METODOLOGIA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Para compreender melhor as concepções sobre o corpo apresentadas nos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) analisados, utilizou-se uma abordagem qualitativa da pesquisa, de caráter bibliográfico, como metodologia central. A pesquisa qualitativa desenvolve-se a partir de uma busca pelas produções acadêmicas de estudantes de Educação Física (EDF) e um processo de análise posterior. Além do balanço de produção realizado no banco de dados do Repositório Institucional da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), produziu-se tabelas com as principais informações de cada produção e, posteriormente, realizou-se a análise dos TCCs.

Em relação à pesquisa qualitativa, Bogdan e Biklen (1994) definiram como características constituintes cinco pontos: o primeiro refere-se à fonte direta de dados, o ambiente natural, caracterizando os investigadores como o instrumento principal, compreendendo que eles se preocupam com o contexto da pesquisa pois entendem que o comportamento pode ser melhor compreendido quando observado no contexto em que normalmente ocorre. O segundo ponto levantado é que a investigação qualitativa é descritiva, portanto, os dados são em formato de palavras ou em imagens, não havendo números em sua constituição. Assim, o pesquisador usa de ferramentas como as citações para inserir toda a riqueza de detalhes em sua pesquisa, respeitando o máximo possível os registros existentes. Desse modo, essa abordagem consiste em reconhecer que nada é banal, mas sim que tudo ao redor do pesquisador é um vestígio para que ele compreenda ainda mais o seu objeto do estudo. Já o terceiro ponto, por sua vez, esclarece que os investigadores qualitativos se interessam mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos das pesquisas, pois é no processo que conseguem compreender os movimentos que o objeto de pesquisa faz, observando as possíveis influências para determinado resultado, por isso priorizam mais o processo do que apenas os resultados ou produtos da pesquisa.

A quarta característica, destacada por Bogdan e Biklen (1994), salienta que os investigadores tendem a analisar os seus dados de forma indutiva, logo, os dados levantados não serão usados para afirmar ou confirmar possíveis hipóteses fabricadas. Ao invés disso, as informações criadas com a coleta de dados irão conectar e reforçar o significado dos dados levantados, que são centrais para a abordagem. Por fim, o quinto ponto levantado é a importância vital na abordagem qualitativa, que enfatiza o foco nas questões individuais que permeiam as experiências de diferentes pessoas e dão sentido às suas vidas, visando o olhar que elas possuem ao reconhecer e compreender mundo a sua volta.

Dessa forma essa pesquisa é de caráter qualitativa considerando que, busca compreender e interpretar fenômenos sociais e humanos complexos, explorando a perspectiva dos participantes e o contexto em que ocorrem. O pesquisador busca capturar a complexidade e a subjetividade dos fenômenos observados, em vez de reduzi-los a números ou categorias pré-determinadas. A ênfase é colocada na compreensão dos significados, compreensão e experiências dos participantes, permitindo uma análise aprofundada e a descoberta de novas perspectivas.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O percurso metodológico da presente pesquisa foi realizado ao longo de diversas etapas.

A primeira delas foi uma busca mais geral em relação à temática de pesquisa. Em meados de novembro de 2022, iniciou-se o mapeamento e a análise sobre a temática medicalização (a qual era o foco inicial de pesquisa) no campo da EDF em duas plataformas de pesquisa: a Biblioteca Eletrônica Científica *On-line* (*Scientific Electronic Library Online*, SCIELO) e o Repositório Institucional da UFSC (RI/UFSC). Ao pesquisar sobre os processos de medicalização, chegamos aos descritores “medicalização e corpo”, “corpo e diagnóstico”, “medicação” e “medicalização”, entre outros com a mesma vertente e foco da pesquisa. Percebeu-se que a temática específica da medicalização da vida na área de EDF era escassa, não havendo inscrições de produções que fizessem uma articulação entre medicalização e EDF nas plataformas descritas. Compreendemos que a medicalização é um processo que incide, sobretudo, sobre o corpo e refere-se às práticas e os discursos relacionados à transformação de questões de natureza política, social, econômica e cultural em um problema individual. Uma dinâmica comum quando a medicalização é colocada em ação é o encaminhamento médico daqueles que não se enquadram nas normas e padrões estabelecidos nos serviços da saúde e a produção diagnóstica com consequências medicamentosas. A medicalização é, nesse sentido, uma engrenagem que opera sobre como concebemos o corpo, compreendendo-o como algo a ser controlado, disciplinado, treinado.

Com o exposto procurasse almejar um corpo emancipado, por parte da autora. Um "corpo emancipado" na escola refere-se a uma visão de educação que promove a autonomia, a liberdade e o empoderamento dos alunos em relação ao próprio corpo. Isso implica em criar um ambiente escolar onde os estudantes se sintam capacitados para tomar decisões informadas sobre sua saúde, bem-estar e educação física. Um corpo emancipado na escola não está sujeito a padrões unilaterais de beleza ou condicionamento físico, mas é respeitado em sua diversidade e individualidade. Os alunos são incentivados a fazer escolhas saudáveis, a respeitar seus próprios limites e a participar ativamente de atividades físicas, esportivas e educacionais. Isso envolve educação sobre saúde, promoção da autoestima e autoaceitação, além de garantir que os estudantes tenham a capacidade

de tomar decisões informadas sobre seus corpos, que são respeitadas e apoiadas pela escola e pela comunidade educacional. Um corpo emancipado na escola é um corpo que é valorizado, respeitado e capacitado para prosperar de maneira saudável e consciente.

Ao analisar as monografias desenvolvidas pelos graduandos dos cursos de EDF, percebeu-se que o debate sobre as práticas que insidiam sobre um corpo apresentava-se como subsídio para potencializar a relação do controle comportamental dentro da formação acadêmica destes professores. Os trabalhos lidos enfatizavam, inicialmente, o controle corporal, entendendo-o como necessário para a aprendizagem dos estudantes nas práticas de EDF.

Percebeu-se, a partir das pesquisas, que os professores entendem que um determinado comportamento expressa a possibilidade de desenvolvimento dos estudantes. Com isso, descolou-se o foco da medicalização e enfatizou-se a concepção sobre corpo, pois, após as leituras dos trabalhos, notou-se que a concepção de corpo tem sido fundamental para a construção de práticas pedagógicas nas aulas de EDF, como também uma concepção crucial para a potencialização dos processos de medicalização na escola e de práticas excludentes.

A fim de delimitar a busca, foram realizadas pesquisas dentro das plataformas SCIELO e RI/UFSC, com o levantamento de dados a partir de três etapas de busca, em procura de trabalhos cujo objeto de estudo estivesse vinculado ao campo da EDF e agora deveria se vincular as concepções de corpo dentro do campo escolar. Na primeira busca na plataforma SCIELO, não foram encontrados trabalhos que tivessem aproximação com a proposta da pesquisa. Como consequência, o uso da SCIELO foi descartado para o levantamento de dados, permanecendo apenas o RI/UFSC como fonte de levantamento bibliográfico, no qual a discussão sobre o corpo se via potente na medida em que a pesquisa foi delimitada com foco em um grupo específico, nesse caso, os graduandos do curso de EF da UFSC.

Consideramos que, após essa etapa, o RI/UFSC seria mais eficaz para oferecer subsídios que aprofundassem a compreensão do conceito de corpo, como forma de compreender a incidência de uma determinada compreensão de corpo dentro de um grupo específico. Portanto, ao analisar os trabalhos, percebeu-se que a medicalização é um processo que objetiva, sobretudo, o controle corporal de estudantes e corpos considerados desviantes das normas estabelecidas de ser, aprender e se comportar. Logo, falar em medicalização é, sobretudo, falar em corpo.

Desta maneira, a segunda etapa da pesquisa foi desenvolvida com os descritores “corpo e escola” e “corpo e diagnóstico”, especificamente na relação de trabalhos acadêmicos nos cursos de EDF com especialização em licenciatura e bacharelado, inicialmente. Após averiguar e analisar os resultados, notou-se que faltavam elementos para fundamentar a pesquisa. A partir disso, na terceira etapa de busca, os descritores “corpo e educação” e “educação do corpo” foram

acrescentados como forma de melhor delimitar a pesquisa. Notou-se, então, que ao se analisar os novos descritores, surgiram trabalhos mais próximos ao foco da pesquisa. É importante destacar que muitas monografias se repetiam entre todos os descritores nos cursos de licenciatura e bacharelado, optando-se por analisar apenas as monografias da licenciatura. Dessa forma, permaneceram na pesquisa os seguintes descritores: “corpo e escola” e “educação do corpo”.

Com os descritores “corpo e escola” e “educação do corpo”, ao identificar-se que algumas produções se repetiam na plataforma RI/UFSC, ou seja, eram trabalhos inseridos mais de uma vez conforme o descritor utilizado, teve-se o esmero de, na nova tabela, selecionar os documentos repetidos e inseri-los na contagem uma única vez. Em seguida, foi feita a leitura e a análise dos títulos, resumos e palavras-chave das monografias localizadas, a fim de selecionar aquelas que cumprissem com os critérios de aderência ao estudo proposto, ou seja, as monografias precisavam discutir a relação entre o conceito de corpo, práticas escolares e a EDF. Como critérios de inclusão, foi dada prioridade ao período de publicação entre 2015 e 2021, recorte temporal escolhido com base em dois fatores julgados importantes para a potencialização do debate sobre as concepções de corpo e de medicalização. O primeiro fator refere-se à chegada do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition*, DSM-5) no Brasil, traduzido para o português somente em 2014.

O DSM-5 foi lançado em maio de 2013 nos EUA, mas consideramos importante este período de apropriação da nova versão, bem como um período para que as análises e os estudos pudessem se manifestar nas publicações. Eis, portanto, o motivo da escolha do recorte temporal.

O segundo fator refere-se ao segundo ano de pandemia da COVID-19 no Brasil. Julgou-se que um modo de vida em isolamento teve efeitos expressivos, tanto psicológicos como sociais, na vida das pessoas no que diz respeito aos movimentos corporais e a cultura corporal. Com isso, as pessoas deixaram de se aproximar, a socialização se tornou mais escassa, tendo sido a internet um dos únicos meios de comunicação disponíveis, dificultando a interação social. Outro critério de inclusão foi a presença da concepção de corpo de crianças e jovens sendo nas pesquisas desenvolvidas em escolas. Os critérios de exclusão, por sua vez, foram as monografias que estavam fora do marco temporal e das temáticas selecionadas, como: formação de professores; a atuação do profissional de EDF em ambiente não escolar; proposta de esportes como metodologia de ensino; relação de prática e doenças; insatisfação corporal pelo viés da nutrição e farmacologia; fatores motivacionais nos esportes e outros temas que não diziam respeito à temática elegida.

Após a busca e seleção, houve a elaboração de uma tabela com todos os trabalhos acadêmicos do curso de licenciatura em EDF que estabeleciam esta relação entre corpo e escola dentro do recorte temporal, ou seja, que discutiam a concepção de corpo ou de questões

comportamentais relacionadas às crianças e aos adolescentes, com as seguintes informações: quantidade de trabalhos selecionados, título, autoria e ano, descritores, especialização (acadêmica), resumo e palavras-chave e critérios de inclusão/exclusão.

Segue abaixo o modelo de elaboração do quadro:

Quadro 1 – Modelo do quadro de levantamento bibliográfico

Título	Epistemologia, Estruturalismo e Educação Física: da possibilidade da abordagem estruturalista a uma concepção epistemológica em Educação Física – episteme, corpo e estrutura.
Autoria	Thomé Mendes Ribeiro Bisneto
Ano	2018
Descritores	Educação do corpo
Especialização	Licenciatura
Resumo	A presente monografia de licenciatura em Educação Física versa acerca dos conceitos de episteme e sua prospecção, a trajetória histórica do corpo no conhecimento e das políticas estabelecidas por esse, e as imbrica com a possibilidade de um flerte com a corrente filosófica do Estruturalismo.
Palavras-chave	episteme. educação física. Estruturalismo
Crítérios de inclusão/exclusão	Compreende os requisitos de inclusão.

Fonte: elaboração própria.

Os trabalhos encontrados na busca geral em licenciatura foram: corpo e escola (22), corpo e diagnostico (1), corpo e educação (52) e educação do corpo (51). Já em bacharelado, tivemos: corpo e escola (21), corpo e diagnostico (17), corpo e educação (48) e educação do corpo (48).

Ao reorganizar a tabela e delimitar a pesquisa apenas com trabalhos realizados no curso da licenciatura, permaneceu-se com 51 monografias relacionados ao descritor “educação do corpo” e mais 22 com o descritor “corpo e escola”, totalizando 73 trabalhos. Destes, a partir dos critérios de inclusão e exclusão, permaneceram 22 monografias. Após uma leitura mais aprofundada, a tabela foi finalizada com seis monografias para análise.

Deste modo, foram analisadas as concepções de corpo presentes nas monografias produzidas por estudantes no curso de EDF da UFSC no período de 2015 a 2021, identificando o que as pesquisas de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) têm discutido a partir da relação entre a concepção de corpo e a EDF no contexto educacional. Após isso, analisou-se de que maneira a EDF tem compreendido o corpo e como essas concepções influenciam nas suas práticas pedagógicas. Por fim, discutiu-se sobre a relação do movimento da medicalização e a concepção de corpo vigente.

O processo metodológico auxilia compreender os caminhos percorridos na construção da pesquisa, na seleção de descritores, na seleção de monografias referentes ao tema e as estratégias de análise do referencial bibliográfico. Dessa forma, é possível compreender o modo como foram analisadas as concepções de corpo que estão sendo compreendidas pelos futuros professores. Considera-se que esta produção de pesquisa é importante para a formação de professores e pesquisadores, pois a concepção de corpo é considerada a base do campo da EF, na qual a sua importância é tratada no dia a dia, nas oportunidades de desenvolver habilidades corporais e de possibilitar a participação em atividades culturais, como jogos e esportes, com finalidades de lazer, de expressão de sentimentos, de afetos e de emoções que englobam a compreensão do corpo. Destaca-se a problematização sobre a maneira com a qual o corpo tem sido pensado, pesquisado, problematizado, conceituado pelos estudantes de licenciatura do curso de EDF da UFSC. O corpo, suas concepções, os processos de disciplinamento e controle corporal são conceitos e discussões importantes para que se possa colocar em xeque as práticas excludentes que se fortalecem pelo processo de medicalização da vida na escola. Um corpo precisa ser encaminhado para a saúde quando apresenta resistências às normas estabelecidas em relação a um determinado modo de ser e se expressar, seja com suas ações e/ou emoções. Um corpo precisa ser medicado, para focar, parar, se regular? Estamos compreendendo o corpo como um construto social ou como representação universal da hereditariedade e de uma determinação biológica? O que pode um corpo? Quais seus limites?

A pandemia da COVID-19 e as medidas de isolamento social que foram implementadas em todo o mundo trouxeram à tona uma visão mais acentuada e proeminente da concepção biologizante da formação humana. Isso aconteceu devido à notável ênfase nas dimensões biológicas e de saúde em detrimento de outros contextos igualmente cruciais, como os políticos, sociais, econômicos e pandêmicos, que também tiveram um impacto significativo na maneira como as pessoas foram afetadas ao retornar às escolas.

Durante esse período de pandemia, muitas discussões e estratégias se concentraram predominantemente na saúde física e nas medidas de contenção do vírus, o que, de certa forma, simplificou a complexa realidade enfrentada pelos alunos, educadores e famílias. A visão biologizante da formação humana tende a desconsiderar as nuances e as interações entre todos esses fatores, muitas vezes negligenciando os desafios sociais e econômicos que impactaram diretamente a capacidade de aprendizado das pessoas. Deste modo, houve um aumento de encaminhamentos à saúde para a busca de diagnósticos e, também, de prescrição medicamentosa a escolares, quando as práticas escolares foram retomadas. Em muitos contextos a prática pedagógica foi realizada como se toda a situação vivida em um momento pandêmico não tivesse

influência na vida das pessoas. A escola, ao retornar suas atividades, preocupava-se mais com a retomada dos conteúdos e de buscar recuperar o tempo do isolamento, como se isso fosse possível. A discussão e a compreensão sobre a importância da expressão do movimento corporal, que foi restringida pelas instituições educacionais durante toda a pandemia, parece não estar sendo adequadamente considerada no contexto da Educação Física. Como resultado, a Educação Física continua a enfatizar predominantemente a abordagem biomédica.

3.3 QUADROS DE DADOS MONOGRÁFICOS

Consideramos importante, apresentarmos o quadro representativo do modo como organizamos o balanço de produção referente às monografias selecionadas para posterior análise. O quadro permite que fiquem acessíveis os principais dados das pesquisas realizadas e apresentadas nos TCCs.

Quadro 2 – Quadro de dados das monografias analisadas

Texto 1	
Título	Epistemologia, Estruturalismo e Educação Física: Da possibilidade da Abordagem Estruturalista a Uma concepção Epistemológica em Educação Física - episteme, corpo e estrutura
Autoria	Thomé Mendes Ribeiro Bisneto
Ano	2018
Descritores	Educação do corpo
Especialização	Licenciatura
Resumo	A presente monografia de licenciatura em Educação Física versa a cerca dos conceitos de episteme e sua prospecção, a trajetória histórica do corpo no conhecimento e das políticas estabelecidas por esse, e as imbrica com a possibilidade de um flerte com a corrente filosófica do Estruturalismo.
Palavras-chave	episteme. educação física. estruturalismo
Critérios de inclusão/exclusão	Compreende os requisitos de inclusão.
Texto 2	
Título	Educação Física e questões de gênero: um estudo a partir de estágio supervisionado
Autoria	Francin Alexandrina de Siqueira
Ano	2017
Descritores	Educação do corpo
Especialização	Licenciatura
Resumo	O trabalho teve como objetivo descrever como se estabelecem as relações de gênero no âmbito da Educação Física escolar no Ensino Infantil e no Fundamental I durante o Estágio Supervisionado I e II.
Palavras-chave	gênero; educação física escolar; educação infantil; ensino fundamental.
Critérios de inclusão/exclusão	Compreende os requisitos de inclusão.
Texto 3	
Título	Multiletramentos e Educação Infantil: uma experiência de prática pedagógica no estágio supervisionado em Educação Física

Autoria	Josimar Lottermann
Ano	2016
Descritores	Educação do corpo
Especialização	Licenciatura
Resumo	Neste sentido, o presente estudo tem como objetivo refletir sobre as possíveis contribuições da pedagogia dos multiletramentos para a Educação Física na Educação Infantil.
Palavras-chave	multiletramentos; tecnologias digitais; linguagem corporal; educação física; educação infantil; estágio supervisionado.
Critérios de inclusão/exclusão	Compreende os requisitos de inclusão
Texto 4	
Título	A musicalização na Educação Física e as possibilidades de se-movimentar
Autoria	Josiane Ribeiro de Jesus
Ano	2018
Descritores	Educação do corpo
Especialização	Licenciatura
Resumo	O presente estudo trata das relações e possibilidades da musicalização no “se-movimentar” de crianças, com a perspectiva de contribuir pedagogicamente para o ensino da Educação Física e a percepção de como a musicalização pode influenciar no movimento corporal.
Palavras-chave	musicalização; educação física escolar; se-movimentar.
Critérios de inclusão/exclusão	Compreende os requisitos de inclusão
Texto 5	
Título	Corpo e História na construção cultural da imagem corporal de estudantes em uma escola de Florianópolis
Autoria	Luiz Felipe Guarise Katcipis
Ano	2020
Descritores	Educação do corpo
Especialização	Licenciatura
Resumo	Essa pesquisa se dedicou a compreender como ocorre a construção cultural da imagem corporal relacionada à saúde por escolares do sexto ano de uma escola de Florianópolis, tendo em vista os processos culturais de formação da percepção da imagem corporal saudável desenvolvidos por essa população.
Palavras-chave	imagem corporal; corpo; escolares; saúde; cultura.
Critérios de inclusão/exclusão	Compreende os requisitos de inclusão
Texto 6	
Título	A criança de seis anos no ensino fundamental: o respeito à necessidade de movimentar-se no cotidiano escolar.
Autoria	Maycon Douglas da Silva
Ano	2018
Descritores	Corpo e escola
Especialização	Licenciatura

Resumo	O presente estudo teve como objetivo descrever e analisar o processo de inserção de crianças de seis anos de idade no Ensino Fundamental para verificar se são respeitadas suas necessidades de movimentarem-se no cotidiano escolar.
Palavras-chaves	educação física; movimento; inserção; escola.
Crítérios de inclusão/exclusão	Compreende os requisitos de inclusão

Fonte: elaboração própria.

4 ANÁLISE DE DADOS

O estudo compreenderá uma análise qualitativa, desenvolvida a partir dos procedimentos de revisão bibliográfica, para a busca e seleção das monografias. Para realizar este trabalho, são utilizadas as concepções teóricas produzidas pela Educação Física (EDF) e pela área da educação, além de recursos metodológicos empregados por cada área.

Sobre a pesquisa qualitativa, Biklen e Bogdan (1994, p. 16) esclarecem que:

Ainda que os indivíduos que fazem investigação qualitativa possam vir a selecionar questões específicas à medida que recolhemos dados, a abordagem à investigação não é feita com o objetivo de responder a questões prévias ou de testar hipóteses. Privilegia, essencialmente, a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação.

A pesquisa não atentou-se a identificar ou medir o evento, servira apenas para receber informações descritivas que mostram o significado do fenômeno. Logo, o primeiro capítulo discutirá as bases epistemológica da EDF, descrevendo as abordagens metodológicas que foram usadas para o controle corporal nas escolas, possibilitando, assim, que se possa compreender os conceitos da medicação e o processo de medicalização.

Sobre a revisão bibliográfica, devemos compreender que, como dizem Souza, Oliveira e Alves (2021, p. 64), “a pesquisa bibliográfica está inserida principalmente no meio acadêmico e tem a finalidade de aprimoramento e atualização do conhecimento, através de uma investigação científica de obras já publicadas”.

Deste modo, percebe-se como importante a utilização dessa metodologia de pesquisa para o presente trabalho, possibilitando o desenvolvimento de novas pesquisas na área da EDF. Espera-se que, ao realizar o fechamento da análise, seja possível levantar possibilidades de ruptura com o olhar tecnicista e biologicista tão presente em toda a formação e abrir possibilidades de debate no processo de medicalização com o curso de EDF, abrindo alternativas para novas pesquisas com as temáticas.

4.1 ABORDAGENS SOBRE A PERCEPÇÃO DO CORPO NOS TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao examinar os trabalhos de conclusão de curso, tornou-se evidente que um número limitado de pesquisas havia se empenhado em realizar uma análise conceitual aprofundada sobre a forma como é atualmente compreendido o conceito de corpo. Ainda que este não represente um levantamento exaustivo ou um estudo sistemático que explorasse minuciosamente a evolução histórica do conceito de corpo, a presente abordagem buscou, por meio da avaliação dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs), apreender a diversidade de perspectivas em relação ao corpo, bem como as diferentes correntes que as pesquisas em andamento permitem estimar.

No contexto da reflexão acerca do propósito da EDF enquanto disciplina escolar e das práticas pedagógicas que ela estabelece, é de suma importância compreender os fundamentos que embasam a atuação profissional na área. Por um lado, ao considerar-se o corpo como uma construção biológica predefinida por fatores hereditários e orgânicos, isso resultará em uma abordagem prática específica. Por outro, ao encarar o corpo como um produto de influências sociais e históricas, moldado por aspectos físicos, psicológicos, culturais e sociais, a abordagem tenderá a estar mais motivada com uma perspectiva que buscará o desenvolvimento individual, valorizando as singularidades de cada sujeito.

Esta visão se concilia com uma abordagem de educação inclusiva e democrática, que luta pelo direito de todos à educação escolar. É válido mencionar que as monografias analisadas costumam adotar uma abordagem de cunho histórico-cultural. Contudo, é importante ressaltar que algumas destas pesquisas, mesmo seguindo uma orientação de análise histórico-cultural, também reforçam uma perspectiva biológica em relação ao desenvolvimento do aluno.

Bisneto (2018) faz uma pesquisa, apresentada em sua monografia, na qual busca traçar um percurso de entendimento da episteme sobre o corpo, resgatando uma trajetória história sobre os sentidos elaborados em relação ao corpo. A concepção de corpo se alinha, segundo o autor, aos ideais de cada sociedade e seus costumes em determinados momentos históricos. Com isso, apresenta os modos como, a partir da dimensão linguística, produz-se sentidos a esse conceito.

O autor defende a língua como determinante para compreender o conceito de corpo e o porquê da área da EDF significá-lo de determinada maneira. Desse modo, essa monografia nos convoca a pensar o corpo como construto cultural. Esse trabalho, mais denso e aprofundado, nos ajuda a problematizar o modo como a concepção de corpo nos permite compreender que a EDF é uma educação que serve para estudar os fenômenos do corpo humano, considerando suas possibilidades, potencialidades e modos de se (re)constituir. Quais sentidos são produzidos sobre

o corpo? De que maneira interferem em nossa relação humana e pedagógica? Bisneto (2018, p. 20) indica que:

Proceder um trabalho em Educação Física, é reputar, segundo a complexidade dessa seara do conhecimento, que há do corpo presente em cada momento da história. Mais do que isso, que compreender a história passa pelo corpo, sua compreensão e inteiração pelo tempo e por diferentes espaços. Isto posto, há que se considerar a recíproca verdadeira, de que há de história em cada momento do corpo – seja ela o simples decurso biológico-físico do tempo em distintas adaptações, seja pelas construções do conhecimento, que atravessando o corpo, fizeram sua representação e usos sociais na trajetória das sociedades. É desta segunda proposição que aqui se pretende falar, investigar e buscar demonstrar a noção de como ao longo das épocas o corpo se fez integrar ao conhecimento e isto posto, também a ele integrou.

Bisneto (2018) compreende este corpo como sendo, ao longo da história, completamente subjugado. Para uma compreensão plena desse processo, é imperativo considerá-lo no contexto temporal e específico em que se insere. Nesse sentido, na presente monografia, o autor delineará uma trajetória histórica desde as raízes da concepção grega acerca do corpo e suas dualidades, traçando seu ponto de vista com o mesmo. Esse percurso abrangerá a Europa e os métodos ginásticos lá localizados, proporcionando uma contextualização da evolução das ideias sobre o corpo até os padrões conceituais que vigoram na contemporaneidade brasileira. Ao longo da monografia, o autor enfatizará sua perspectiva quanto aos pontos que demandam análise e investigação, o que se dará por meio de uma reflexão acerca de como, ao longo do tempo, no âmbito histórico, cultural e linguístico, temos forjado nosso conhecimento acerca do corpo. Nesse contexto, o autor postula de maneira assertiva que:

Para isso, conforme o tempo da pesquisa seja exíguo, o por maior do esforço, os relatos sejam sempre menores do que o intuito demonstrativo, a construção de uma narrativa aqui em comento teve de passar por escolhas e nestas, destacou-se realizar, primeiramente, uma arqueologia do conhecimento, seus conceitos e seu modo de prospecção – procedendo assim, uma epistemologia. Conhecimento, é claro, sempre que possível relacionado ao corpo, para não olvidar-se ao objeto aqui investigado, mas também para além dele, quando necessário entender processualmente a trajetória que hoje se apresenta como sendo a fisionomia de sua compreensão, suas representações e usos sociais e a realização de uma Educação Física (Bisneto, 2018, p. 20).

Sobre essa perspectiva, o autor inicia uma abordagem sobre a inter-relação entre EDF e o corpo humano ao longo dos tempos. É afirmado que engajar-se em um estudo dentro do campo da EDF requer o reconhecimento da presença do corpo em cada contexto histórico, ressaltando a importância de compreender a narrativa que envolve o corpo, sua expressão linguística e sua evolução ao longo dos tempos e em cenários variados.

Por meio deste ensaio monográfico, o autor apresenta uma análise teórica que explora as intersecções entre a epistemologia, o estruturalismo e a EDF. A epistemologia é delineada como o ramo filosófico dedicado à investigação das origens, da natureza e das fronteiras do conhecimento, ao passo que o estruturalismo emerge como uma abordagem teórica que se concentra na análise das estruturas subjacentes de um sistema. A EDF, por sua vez, surge como uma disciplina abrangente que engloba o estudo e a prática de atividades físicas, de esportes e de exercícios.

Bisneto (2018) enfatiza que, de maneira semelhante às mudanças biológicas e físicas que ocorrem no corpo ao longo do tempo, o conhecimento também evolui e está intrinsecamente ligado ao corpo. Esta interconexão entre o corpo e o conhecimento tem sido explorada ao longo das diferentes épocas, e é de suma importância compreender profundamente como ocorre a integração mútua entre esses elementos. No contexto do campo da EDF, a monografia de Bisneto (2018) sustenta a tese de que uma abordagem estruturalista oferece uma perspectiva mais abrangente sobre os diversos aspectos que permeiam tanto o conhecimento quanto a prática desta disciplina. O autor destaca, também, a importância de analisar minuciosamente as estruturas subjacentes e os padrões presentes nas atividades físicas, nos movimentos corporais e nas atuações sociais que se desenrolam nesse âmbito de estudo. Defende, ademais, que essa abordagem contribui para a obtenção de uma maior objetividade e rigor científico no âmbito da EDF, fornecendo, assim, uma base sólida para a construção do conhecimento nesta área de estudo. A monografia destaca, ainda, a importância de se empreender uma "arqueologia do conhecimento" e uma investigação epistemológica aprofundada, visando compreender a relação entre o conhecimento e o corpo. Este "entendimento profundo" é considerado como um alicerce fundamental para a prática da EDF, permitindo a aplicação de conceitos essenciais que sustentam uma abordagem educacional e pedagógica tratada para a promoção do aprendizado e do desenvolvimento humano.

Bisneto (2018) afirma que estudar sobre o conceito de corpo é importante para compreender as ideias que o cercam, os paradigmas que o envolvem e, por conseguinte, entender o modo como o corpo é concebido e como a EDF atua nas escolas. Segundo o pesquisador, uma concepção estruturalista sobre o corpo pode contribuir para uma compreensão mais aprofundada dos fundamentos e estruturas que sustentam a disciplina da EDF, permitindo uma análise mais precisa e uma prática mais eficaz. Portanto, nota-se que a monografia cria uma ruptura em cada página, ressaltando que a concepção de corpo foi sendo construída e reconstruída em cada fase da história e, com isso, a EDF foi se moldando por meio desta, modificando o corpo que sentiu os efeitos das mudanças oriundas deste processo. Bisneto (2018) permite inferir que o corpo foi historicamente reduzido em sua potencialidade de construção, de manifestação, de relação e de

desenvolvimento, ou seja, um corpo não livre, mas voltado historicamente para certas finalidades no interior de certa cultura. Passou-se por compreensões já elaboradas pelos filósofos gregos de que o corpo era o culto ao belo e a provação física por meio de práticas que enfatizavam o esforço físico, o desempenho atlético. Já no contexto medieval, o corpo era um receptáculo de castidade, do qual se deveria expurgar o pecado e exercer a redenção da alma, com a moralização dos corpos pela igreja por meio de práticas de coação dos indivíduos. Bisneto (2018, p. 39) afirma que, com o Iluminismo, produziu-se uma:

[...] agenda civilizatória, interna e externa (tanto nos países-colônias, quanto nas metrópoles), onde aos indivíduos requerer-se-ia que se enquadrassem, segundo etiquetas e instituições específicas, as quais delimitariam os aceitáveis e os inadequados, os providos e os desprovidos de educação/requite e patrimônio, com o império dos diferenciados modos, gestos. A força daria lugar ao gesto, o requinte tomaria o lugar da robustez, e o maneirismo, revestiria a função do que antes se havia na nobiliarquia.

A partir deste ponto, a racionalidade assume o papel principal na orientação destas novas condutas, refletindo-se em comportamentos educados que se revestem de maior cortesia e gentileza. O paradigma do indivíduo educado começa a ocupar um espaço mais proeminente, ignorando uma posição secundária a noção de força e robustez, surgindo a necessidade de adquirir habilidades comportamentais, de exercitar o controle sobre o corpo e seus impulsos. A etiqueta emerge, assim, como um indicador de civilidade e refinamento, impulsionando uma evolução que gradualmente delineia um novo modo de ser e de se relacionar com o próprio corpo. É crucial ressaltar que, mesmo que aparente representar uma mudança histórica substancial, não se pode negligenciar a influência persistente do movimento higienista na formação de uma perspectiva profundamente enraizada socialmente, que continua a ecoar na contemporaneidade na relação dos sujeitos ao corpo. Neste contexto, o corpo passa a ser interpretado, predominantemente, como uma entidade biológica, vista tanto como instrumento comportamental quanto um potencial fonte de eficiência econômica. Dessa forma, o corpo deveria ser disciplinado para adequar-se à “boa saúde e civilidade social, e políticas públicas teriam de passar para além da assunção do ensino revisitado (educar de corpo e mente, para o liderar), à consideração do procedimento médico” (Bisneto, 2018, p.58).

Sobre a questão higienista, Bisneto (2018, p. 59) articula que:

A proposta higienista, então, passa simultaneamente por formas de higienizar, tornar eficaz a cidade e o corpo. Pelos corpos, o ideal se desdobraria em práticas corporais voltadas à saúde, como a calistenia, as ginásticas (sueca e alemã) e o remo, quais seriam implementadas nas redes de ensino público e em projetos urbanos” e continua: O esporte que fora catártico havia desenhado, sob ideal higienista, um corpo belicoso, louco pela experimentação real. Esse seria o berço da Educação Física, o cruzamento de agendas

institucionais de enquadramento, controle social e desenvolvimento do corpo. Não livre, mas voltado a finalidades.

Pode-se entender, a partir desta monografia, que o corpo é uma linguagem corporal, a qual representa uma manifestação relacional das experiências vividas pelo indivíduo, dialogando com questões sociais, culturais, emocionais, espirituais e psíquicas, produzindo um repertório de possibilidades de (re)constituir-se.

Por sua vez, Siqueira (2017), em sua monografia, defende uma concepção do corpo que se constrói em uma sociedade pelas suas experiências, e, portanto, tem uma concepção de corpo para além do biológico, considerando o sujeito como um ser social, histórico e cultural. Percebe-se, no texto de Siqueira (2017), que é feita uma análise do corpo a partir de uma construção social e que, a partir dessa perspectiva, dar-se-á enfoque a um debate sobre o modo como as questões de gênero atravessam e produzem uma concepção corporal. Assim, Siqueira (2017, p. 11-12) afirma que:

[...] A compreensão de gênero é “uma construção social, onde ser homem ou ser mulher não é determinado pelo sexo biológico, e sim da construção histórica de cada ser”. [...] “os estudos de gênero vêm então criar reflexões sobre a cultura criada pela sociedade na construção da diferenciação entre homens e mulheres pelo sexo biológico, se tornando “natural” ao cotidiano das pessoas inclusive no ambiente escolar.

Destacando que a formação sociocultural influencia na percepção de uma dicotomia rígida e inflexível que nos restringe a sermos exclusivamente homens ou mulheres, determinada exclusivamente pelo sexo biológico ao nascer, evidencia-se que as normas, as convenções sociais e os conhecimentos que se desenvolveram exercem, em conjunto com elas, uma influência sobre as concepções de corpo. Dessa forma, o que entendemos sobre o corpo produz percepções que, gradativamente, enraízam-se sem questionamento em relação às experiências e práticas que geraram. Observa-se clara e atualmente, nas atividades escolares, especialmente no contexto da EDF, uma segregação de tarefas baseadas em gênero e uma concepção binária do mesmo. Crianças ainda são separadas em filas distintas para meninos e meninas, com o futebol sendo designado para os meninos e outras atividades ditas “femininas” para as meninas. Deste modo, vestígios de uma abordagem filosófica dos métodos de exercício físico persistem, na qual o objetivo da atividade era modelar e moldar os corpos de meninos e meninas de acordo com padrões específicos e as necessidades de um determinado contexto social.

Este modo de pensar contribui para fortalecer uma aceitação biológica imposta, submetendo nossos corpos às expectativas da sociedade. Tais práticas não apenas perpetuam atitudes homofóbicas e transfóbicas, mas também refletem outros padrões sociais vigentes no período em que nascemos. Para além do gênero, a relação com o corpo permanece central, e

conforme enfatiza a sociedade, o corpo detém características estereotipadas, limitando a identidade a meros aspectos biológicos e afirmando a falsa premissa de que o gênero não é um construto social. Neste contexto, a monografia se faz presente, ressaltando os apontamentos anteriores e de que, no chão da escola, a prática possui uma contradição de entendimentos, na qual se produz uma visão biologicista, reforçando o ideal do que é esperado para um corpo feminino e um corpo masculino. Siqueira (2017, p. 29) nos apresenta situações que são comuns: “[...] Os meninos estavam jogando futebol na quadra aberta [...], as meninas estavam no corredor lendo livros, e um dos livros era algo que remetia de como ser mãe [...], as meninas estavam usando uma tiara de gatinha, algumas de unhas pintadas”.

Percebe-se que, na escola, já existe uma perspectiva do que se é esperado para um corpo, com a esportivização colocando os meninos em competição e relegando atividades mais “delicadas” às meninas, principalmente nas aulas de EDF. No entanto, esta visão binária tem sido desafiada por muitas correntes teóricas e movimentos sociais que argumentam que o gênero é uma construção social e que não se limita a apenas a duas categorias. A compreensão contemporânea do gênero reconhece que ele é fluido, variável e não reduzido apenas ao sexo biológico.

Siqueira (2017) relata que há ausência de discussões sobre as questões de gênero nas aulas de EDF por ser um assunto cuja estrutura é baseada em conhecimentos deturpados e preconceituosos. De certa forma, o autor faz um debate entre as questões biológicas e culturais, discutindo que as supostas “habilidades”, por vezes entendidas como sendo determinadas pelas dimensões biológicas, são produções sociais referentes aos estímulos e às condições oportunizadas de maneira desigual para meninos e meninas desde muito cedo. Esse debate torna-se fundamental no entendimento das concepções de corpo.

[...] Pois se tratando de cultura de movimento humano, historicamente tem-se uma superioridade masculina, devido aos meninos apresentarem maior desenvoltura no desenvolvimento de atividades físicas. Entretanto, sabe-se que tais diferenças provêm de um maior repertório motor dos meninos, em consequência do maior número de vivências realizadas por eles ao longo da vida. Para intervir nisso, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998), de Educação Física, no que tange as questões de gênero, considera de fundamental importância a realização de aulas mistas, uma vez que estes podem favorecer a meninos e meninas, a aprenderem a ser mais tolerantes, respeitando as diferenças existentes (Siqueira, 2017, p. 20).

Assim, constata-se uma crítica dirigida à predominância de uma visão biologicista em relação ao corpo. Siqueira (2017) apresenta uma análise desfavorável das atividades propostas, pois, muitas vezes, suas características originais se perdem em prol da valorização cultural do corpo. No entanto, é evidente que, no ambiente escolar, os meninos são encorajados, até certo

ponto, a participar de jogos mais competitivos, em consonância com sua “identidade masculina”. Em contraste, as meninas, influenciadas pelas normas culturais, tendem a menosprezar algumas atividades e se afastar de certas modalidades esportivas, devido à pressão colocada na proteção de seus corpos. Esta situação leva a uma diferença notável entre o processo educacional e a experiência vivenciada.

Dentro deste contexto crítico que questiona uma visão simplificada do corpo e defende uma abordagem mais abrangente, Lottermann (2016) adota uma perspectiva histórica, social e cultural em seu TCC. Seu objetivo é fortalecer a possibilidade de romper com a abordagem predominantemente adotada nas aulas de EDF. Isto está em consonância com as ideias da instituição na qual a pesquisa foi conduzida: o Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O NDI se diferencia em diversos aspectos, inclusive na maneira como compreende o sujeito, destacando que é inviável separar o aspecto biológico do corpo de sua dimensão histórico-social. Assim, Lottermann (2016, p. 21) afirma que:

[...] cabe destacar que é através do corpo, nos primeiros anos de vida, que se estabelecem importantes linguagens utilizadas pelas crianças. Por meio dele, expressam seus sentimentos, emoções e pensamentos. É também como corpo que percebem e vivenciam o mundo em que se inserem.

Compreende-se, então, que o corpo é uma ferramenta essencial para as crianças aprenderem a se comunicar, entender suas emoções, processar informações e interagir com o mundo. É por meio dessa interação sensorial e da expressão física que as bases das habilidades linguísticas, emocionais e cognitivas são adquiridas nos primeiros anos de vida. Contudo, não é encontrado esse movimento em outras unidades escolares. Pelas leituras feitas até então, o fortalecimento do controle corporal pelo viés da opressão é denotado em algumas situações, seja ao excluir o estudante de determinada atividade ou até oprimi-lo(a) com palavras de ordem, inferiorizando o sujeito em construção. O pesquisador ressalta que um dos objetivos de pesquisa foi experimentar e analisar, dentro do contexto de interação e de brincadeiras que orientam a Educação Infantil (EI), práticas pedagógicas que contemplem diferentes mídias e suportes tecnológicos às linguagens, permitindo refletir sobre o movimento corporal como uma das linguagens que compõem as possibilidades de expressão na EI. É interessante pontuar que o pesquisador colocou, em seu diário de campo, o posicionamento e o olhar de cada criança ao tirarem algumas fotos durante as aulas, dentro da proposta pedagógica:

[...] O modo como as cenas eram enquadradas, mostrando os adultos geralmente da cintura para baixo, evidenciou o ponto de vista das crianças em quase todas as fotos. Peb

fato das crianças serem menores que os adultos, as fotos tiradas por elas partem de um ângulo mais baixo, criando, para os que observam a imagem, um efeito de perspectiva que dá destaque ainda maior ao tamanho dos adultos. Ao contrário, quando as fotografias são tiradas pelos adultos, a relação se inverte e são as crianças que parecem ter um tamanho menor do que o real (Lottermann, 2016, p. 44).

A compreensão do corpo infantil é fundamental para uma análise abrangente das questões que envolvem a infância e, por consequência, o corpo. Destaca-se a representação e os tratamentos discriminatórios que muitos estudantes têm enfrentado em seus cotidianos escolares, evidenciando como o sujeito nem sempre é visto dentro de um processo de construção inacabado e complexo.

As discussões sobre o corpo se denotam no reconhecimento do sujeito em construção, nas quais a instituição de ensino se faz de suma importância e abre possibilidades para uma formação integral do estudante. Desse modo, se faz relevante o realce de que o NDI é uma instituição diferenciada por estar inserida dentro de uma universidade federal e ser um laboratório de ensino para futuros docentes e para os mais diversos profissionais que atuam no ensino. Esse núcleo se destaca, também, pelo número reduzido de crianças por turma, pois se compreende que o professor e seus auxiliares possam acolher todas as crianças, considerando elas como integrantes importantes da própria instituição, desenvolvendo movimentos de empatia e acolhimento em diversas situações do dia a dia, compreendendo que a infância é um dos mais importantes aspectos do ser humano – pois é nela que se formam os gostos, as compreensões de vida, as éticas e os demais elementos que constituem o sujeito como um todo. Assim, o tempo da criança é sempre respeitado em todos os aspectos da vida, sendo esta considerada um como um sujeito ativo, ressaltando-se, inclusive, as adaptações na própria estrutura física da escola, onde as mesas, cadeiras e janelas são adequadas às alturas das crianças e os banheiros são adaptados às suas necessidades.

Com isso, viu-se as rupturas na lógica biologizante dentro da monografia ao compreender que a instituição possui um olhar humanizado do corpo e do tempo da criança, considerando que o docente e a instituição devem trabalhar em parceria para uma melhor formação humana.

Outro entendimento sobre a compreensão do corpo refere-se a Jesus (2018), que coloca, em sua monografia, o “movimentar-se” entendido a partir da teoria crítico-emancipatória. Entende-se, portanto, o corpo como emancipado, denotado como aspecto crucial da metodologia o seu compromisso com a transformação social. A teoria não se contenta em identificar problemas, mas se esforça para desenvolver soluções e estratégias concretas para a mudança, buscando criar um espaço para o diálogo genuíno e para a coletividade na busca por justiça social e igualdade. Dito isso, o pesquisador afirma que:

[...] A teoria crítico-emancipatória precisa estar acompanhada de uma didática comunicativa que possibilita estabelecer uma relação de diálogo entre professor e aluno. Nesse agir educacional, o aluno é estimulado a pensar sobre o movimento realizado, criar outras formas, descobrir o seu jeito, encontrar outras possibilidades para o movimento acontecer. O aluno como sujeito deve estar inserido nesse processo de maneira a viver não somente uma questão funcional, mas ter a capacidade de conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significados na vida por meio da reflexão crítica (Jesus, 2018, p.16).

Assim, fica claro que o autor não trata especificamente do corpo em sua escrita, estando implícitas as formas de como ele entende o corpo. Isto acontece porque Jesus (2018) valoriza a necessidade dos sujeitos serem críticos e livres, não aceitando informações de forma passiva, mas sim questionando, analisando e avaliando atentamente o que está sendo apresentado. Já a liberdade, por sua vez, está ligada à capacidade de se libertar de limitações e opressões; portanto, alguém emancipado compreende as estruturas de poder na sociedade e tem a capacidade de agir de forma independente para mudar esta realidade. Nesse sentido, o autor define uma perspectiva de corpo associada a uma quebra com a perspectiva biológica, defendendo que é essencial que os sujeitos recebam críticas para superar as barreiras impostas pela sociedade.

No entanto, no contexto em que a monografia está inserida, a realidade da escola mostra um olhar totalmente diferente do que foi levantado anteriormente. O pesquisador salienta que o tempo excessivo que as crianças ficam sentadas remete à uma falta de estruturas físicas adaptadas de forma adequada nas escolas, descrevendo as carteiras e cadeiras como altas e, portanto, desproporcionais para as crianças. Ademais, o que aparenta ser uma forma mais atualizada de controle corporal seria uma música feita pela professora, denominada “sentadinho”, na qual, ao ouvirem a música, os alunos deveriam sentar e prestar atenção à professora.

Diante deste contexto, podemos ressaltar algumas questões de disciplinamento do corpo, considerando os estudos de Foucault (1999), que salienta a ideia de disciplinamento do corpo em instituições modernas como escolas, prisões, hospitais e fábricas, e enfatiza que essas instituições exercem um poder disciplinador sobre os corpos das pessoas. Ademais, ele argumenta que essas tentativas criaram sistemas de vigilância, normas e rotinas que regulam o comportamento e a aparência dos indivíduos, o que resulta em uma conformidade social que mantém a ordem e a estabilidade, mas também pode levar à perda de autonomia e liberdade pessoal. Desse modo, ao criar um ambiente sem flexibilidade, com normas rígidas e pouca ou nenhuma liberdade pessoal, a instituição escolar criou um ambiente controlado, corpos obedientes e com a intenção de criar um corpo moldado para exercer certas tarefas de determinadas formas.

A ideia de que o corpo deve permanecer imóvel para aprender, enquanto o movimento só deve ocorrer quando solicitado pelo professor, reflete uma visão tradicional, simplificadora e

limitada do processo de aprendizado. O corpo humano está intrinsecamente conectado à mente, e restringir seu movimento é restringir a expressão, a compreensão e a absorção de conhecimento. O movimento não é apenas uma manifestação física, mas uma forma de explorar, experimentar e internalizar conceitos de maneira mais profunda e holística. A expressão do movimento inibe a criatividade, a conexão sensorial e a capacidade de relacionar informações de maneiras inovadoras. Em vez de focar no controle excessivo do corpo, deve-se incentivar abordagens educacionais que integrem o movimento como uma ferramenta para enriquecer o processo de aprendizado.

[...] A professora permitia em sala a socialização, comunicação, troca de conhecimentos entre os alunos, até mesmo ir à mesa de outro colega pedir ajuda. Quando a professora solicitava que todos voltassem aos seus lugares e prestassem atenção no que ela explicava, começava a cantar a música “Sentadinho” e logo todos voltavam aos seus lugares cantando a música para que então a professora prosseguisse com a aula. [...] Percebendo ao longo das observações as dificuldades que a turma apresentava, uma delas foi o movimento, pois passavam muito tempo sentados na mesma posição (Jesus, 2018, p.20-21).

Percebe-se uma contradição neste trecho, pois ao mesmo tempo que existe uma ruptura conduzida pela professora ao permitir a socialização, a comunicação e a troca de conhecimentos entre as crianças, para que elas aprendam entre si o conteúdo, criando um ambiente colaborativo e positivo para que essas crianças possam se desenvolver, há também uma lógica evidente de controle, dentro da qual o objetivo é manter os estudantes sentados e calados, método rigorosamente forçado pelos educadores, com regras impostas sem reflexão e com um adestramento dos corpos discentes para com a instituição de ensino, de forma a manter o controle, sobretudo corporal, durante as aulas.

Na sua prática e na sua pesquisa, Jesus (2018) percebe que, na escola, existe uma contradição de entendimento em que se produz uma visão biologicista e controladora dos sujeitos. Apesar do autor defender uma concepção de corpo a partir de uma perspectiva emancipatória e crítica, há momentos em que se pode considerar elementos contraditórios em relação ao que ele observou no ambiente escolar, pois permeia uma visão biologizante dos corpos contendo a ideia de um corpo que deve ser funcional dentro da instituição de ensino, aspecto especialmente notável ao comentar que existe uma nova criança na turma, mais velha (e por consequência repetente), e que demonstrava um comportamento agressivo e violento, apresentando dificuldades na leitura, sem que o autor fizesse uma reflexão profunda acerca de suas observações. Este movimento nos convoca a questionar o quanto essa criança poderia estar sendo subjugada na turma, pois as informações citadas não têm valia se não forem analisadas e apenas citadas de forma solta ao longo do texto. Ressalta-se o apontamento de Jesus (2018):

Após o período de observação de quatro turmas na escola, com o objetivo de escolher uma turma para a realização das intervenções pedagógicas, foi escolhido o quarto ano do ensino fundamental vespertino, cuja é composta por vinte e sete crianças matriculadas, sendo quinze meninas e doze meninos. A faixa etária dos alunos é de nove anos, porém havia um aluno repetente de 13 anos, que recém havia chegado à escola e o mesmo demonstrava um comportamento agressivo e violento, apresentando dificuldades na leitura. A disposição dos alunos na sala de aula apresentava uma forma diferente do que estamos acostumados a ver (2018, p.20).

Ao levantar estes apontamentos e a não abordá-los sob um olhar crítico acerca da situação dos sujeitos, cabe compreender o real motivo pelo qual o pesquisador decidiu levantar essas questões: informar que existe um sujeito com dificuldades? O porquê da questão comportamental dessa criança ter sido tão ressaltada no trecho? Seria essa uma forma de ressaltar que o comportamento ou o corpo desse sujeito não estavam condizentes com o 4º ano do Ensino Fundamental (EF)? No texto, não há respostas aparentes.

Jesus (2018) ressalta, também, a diferença entre a Teoria do Se-Movimentar Humano (TSMH) e movimentar o corpo. Nesse sentido, ele compreende pelo olhar de Kunz (2010), que a TSMH transcende a mera ação corporal, representando o despertar do próprio ser por meio dos movimentos corporal. A essência desta diferença reside na ênfase dada pela TSMH à conexão do ser humano com o mundo ao seu redor, sendo interessante salientar o que está sendo colocado para esta criança que possui a necessidade de movimentar-se. Contudo, as escolas tendem a forçar uma parada, sem o uso da reflexão e senso crítico do momento vivido pela criança.

É importante destacar que os momentos de atrito na turma se davam exatamente quando os corpos entravam em movimento, quando se sentiam livres e tinham que entrar na sala e voltar para a padronização, situação em que começavam os enfrentamentos entre os estudantes. O reforço de que o movimento não é adequado ao ambiente escolar – em particular a sala de aula – é muito ressaltando, bem como o quanto a educação fortalece esta conjuntura na qual os estudantes devem se manter sentados em sala, em silêncio, considerando que este comportamento como um aparente indicador de aprendizagem. Nesse contexto educacional, a pesquisa se fez em alguns momentos contraditória, hora falando sobre um corpo que deve estar em se movimentando, fortalecendo o envolvimento social, hora reforçando determinados olhares preconceituosos sobre situações ou estudantes considerados atípicos na turma, como colocado anteriormente.

Já o trabalho de Katcipis (2020) trata da compreensão acerca da imagem corporal, não delimitando apenas nas características físicas/biológicas, mas objetivando analisar, de forma interdisciplinar, os discursos e representações envolvidos em torno da construção cultural da imagem corporal dos sujeitos que participaram da pesquisa. O objetivo desse estudo foi investigar

a maneira pela qual os estudantes do sexto ano de uma escola em Florianópolis (SC) constroem culturalmente a percepção da imagem corporal em relação à saúde. Isto foi abordado considerando os diversos processos culturais que influenciam a formação perceptiva de uma imagem corporal saudável nesta faixa etária. A abordagem metodológica empregada envolveu uma perspectiva interdisciplinar na qual a interpretação dos dados passou por uma análise de conteúdo, o que implicou na integração de teorias provenientes das áreas de História, Antropologia, Saúde, Pedagogia e Sociologia, convergindo em uma narrativa que explora os diversos sentidos e significados presentes nos discursos e representações construídos. Tal abordagem visa aprofundar a compreensão da concepção de um corpo saudável na realidade investigada, sobre a qual Katcipis (2020) destaca:

[...] a classificação metodológica foi destacada dentro de uma predominância de modelo, pois a partir desse caráter multidimensional da área de Educação Física a escolha de uma concepção não pode ser tomada como excluyente de outras. [...] A partir do objeto de estudo desse trabalho, que visa compreender as formas de manifestação cultural da percepção da imagem corporal saudável em escolares, ele pode ser classificado como de **concepção predominantemente ideográfica, pois lidou com a forma de categorização dos dados por construtos** (Katcipis, 2020, p. 45-46, grifos nossos).

A metodologia de pesquisa, quanto à natureza e à abordagem, se enquadra na categoria aplicada, visando produzir conhecimentos para serem aplicados de forma prática na resolução de problemas específicos. Além disso, a pesquisa adota uma abordagem quantitativa-qualitativa, com o objetivo de aprofundar a compreensão de um grupo social, apoiada por condições controladas por meio de procedimentos estruturados para uma maior compreensão dos fenômenos culturais ligados ao ser humano, como descreve Katcipis (2020) ao analisar Gerhardt e Silveira (2009) e caracterizar a metodologia em sua pesquisa.

Denotando que a forma como olhamos para os nossos corpos é, em alguma medida, fruto de elementos culturais que permeiam nossa formação, Katcipis (2020) considera que:

[...] a atividade física se torna sinônimo de saúde dentro de um determinado contexto em que fatores da realidade são alinhados para torná-la essencial a manutenção dessa própria realidade. [...] Será que os povos indígenas da América do Sul, as tribos isoladas Africanas ou os aborígenes da Oceania medem e comparam seus níveis de atividade física para associa-los a sua saúde? Tudo vai depender da relação estabelecida com as formas de conhecimento, que são produtos de escolhas proporcionadas a partir de um sistema social que condiciona à vida a determinadas divisões (*Ibid.*, p. 14).

Compreendendo, portanto, que somos sujeitos biológicos, históricos, sociais e culturais, as percepções que produzimos em relação ao corpo passam por mudanças contínuas na maneira como o enxergamos. Essas mudanças são moldadas pela época, pelo contexto e pela cultura que realça

seus aspectos nos conhecimentos gerados pela sociedade. Nesse sentido, Katcipis (2020) destaca que:

A mudança no contexto social altera suas regras, costumes, tradições e práticas, trazendo uma inquietude com a diminuição da atividade física por se tornar uma ameaça orgânica. O corpo não está blindado de sua época, colocando-se à parte desses processos, ele os acompanha conforme os acordos sociais firmados, trazendo diferentes representações sobre as alterações do peso corporal. (*Ibid.*, p. 30).

O autor reforça a importância de compreender o contexto em que estamos inseridos, a fim de analisar como os sujeitos da pesquisa podem embasar suas respostas com base nos movimentos sociais aos quais estão ligados, pois compreender esses movimentos é, também, compreender os corpos que estão se constituindo.

Ao analisar a monografia, que realizou uma pesquisa com crianças de seis anos do Ensino Fundamental (EDF), percebe-se o respeito à necessidade de movimentar-se no cotidiano escolar, postulado por Silva (2018). Percebe-se que existe um olhar atencioso e acolhedor em relação às crianças do primeiro ano, compreendendo que essa transição da Educação Infantil (EI) para a EF possui complexidade por inúmeras questões, podendo citar a mudança na estrutura e ambiente, pois na EI existe um ambiente mais informal e centrado nas brincadeiras; já para o EF, tem-se um ambiente mais estruturado, cheio de regras e horários menos flexíveis. Existe também a expectativa comportamental, pois se entende que a criança possui este período para se adaptar às regras mais rigorosas e aprender a se comportar adequadamente em um ambiente de ensino mais tradicional. O movimento do controle corporal se intensifica na transição da EI para o EF, sendo que, inicialmente, na EI o ambiente é voltado para o brincar e o livre movimento. Ao transicionarem para o EF, as crianças geralmente precisam aprender a se manterem sentadas por longos períodos, em silêncio e atentas aos conteúdos e regras estabelecidas na nova fase da vida escolar, desconsiderado todas as suas vivências anteriores. Passando para a introdução de regras que salientam o controle do corpo, a instituição marginaliza o corpo em movimento nesta nova fase, desconsiderando sua importância no processo de aprendizagem.

O desejo de movimento fica evidente quando Silva (2018) relata a seguinte cena:

“Toc, Toc, Toc”. Alguém batendo na porta. Todos os olhares se lançam para lá. A professora vai atender. É a orientadora pedagógica da escola. Conversam um pouco. Ela sai. A professora me olha e diz: “mudou o horário da Educação Física de novo. Toda semana muda. Nunca sei direito.” Ao ouvir aquilo as crianças se agitam e se alegram. A partir de agora era fácil ver sorrisos em seus rostos. Seria a Educação Física o momento preferido delas? Creio que sim. Mas porquê? Talvez por significar **libertação daquele controle exercido pela mesa, cadeira e as quatro paredes, sem contar os gritos e olhares arregalados da professora. Não sei, mas logo descobriria. Continuaram a copiar o cabeçalho** (Silva, 2018, p. 36, grifos nossos).

Este trecho retrata a ansiedade dos estudantes em saírem da sala e a forma como eles se sentem nesse ambiente – o quanto este local controlador faz com que seus corpos se sintam desconfortáveis na situação descrita. É importante destacar que as práticas de controle corporal não acontecem apenas em espaços fechados de salas de aula, mas é possível percebê-las, também, nas aulas de EF. Ainda que as aulas de EF representem o momento de maior possibilidade de movimento, nem sempre esse movimento tem como objetivo a relação do sujeito com seu contexto ou a compreensão de seu próprio corpo como instrumento de expressão, criatividade, manifestação. Assim, as instituições desenvolvem uma dinâmica que, ao invés de construir discussão, reflexão e debates, instaura estratégias constantes de controle e adestramento corporal dos estudantes. Conforme Silva (2018):

[...] O silenciamento dos movimentos das crianças acontece desde o primeiro dia de aula, quando devem ficar, pelo menos, quatro horas dos seus dias sentadas, ouvindo a professora, repetindo atividades, sem poderem movimentar-se. Quem conseguir sem grandes dificuldades está “quase lá”. Os momentos de liberdade se restringem às idas até o lixo e até o banheiro, no recreio e, possivelmente, na Educação Física (Silva, 2018, p. 46).

Percebe-se que a EDF é concebida por muitos estudantes como forma de escapar de um enquadramento e controle corporal que, geralmente, se faz exacerbado nas salas de aula, o que lhes permite vivenciar a experiência pedagógica de maneira mais libertadora. Entretanto, é importante enfatizar, como já mencionado acima, que também podemos identificar, nesse contexto, a manifestação do controle sobre os corpos. Alguns professores usam esse momento aparente de fuga como uma espécie de moeda de troca, em que empregam as aulas de EDF para induzir as crianças a se conformarem com as expectativas impostas. Ainda vemos, em aulas de EDF, ações como: organização de filas “tirando distância”; exercícios, atividades e esportes direcionados por uma questão de gênero; atividades desconectadas com objetivo determinado relacionado ao conhecimento e cultura corporal, entre outras práticas.

Nesse sentido, as considerações de Foucault (1999) em *Vigiar e punir* ecoam de maneira estimulante. Suas pesquisas sobre as dinâmicas de controle corporal nas prisões encontram reverberação na esfera educacional. Assim, da mesma forma que as instituições prisionais buscam impor disciplina e conformidade aos detentos, as escolas muitas vezes exercem um controle rígido sobre os corpos dos estudantes em nome da ordem e do aprendizado. A analogia entre a escola e a prisão, no que se refere à regulamentação dos corpos, evidencia como essas estruturas podem se assemelhar em suas tentativas de moldar comportamentos.

Portanto, é fundamental reconhecer que, apesar de ser um espaço de possível fuga, a EDF também está sujeita às dinâmicas de controle corporal que espelham estruturas maiores de poder. A análise de Foucault (1999) sobre o controle nas prisões e a ideia de moeda de troca na EDF oferece perspectivas valiosas para compreender as nuances das práticas educacionais e as formas sutis pelas quais os corpos dos estudantes são influenciados. Podemos ver esse movimento em um relato do diário de campo de Silva (2018), mostrando que: **“A Educação Física virou moeda de troca. A partir daquele momento acontecia uma negociação entre as partes – as crianças respondiam ao anseio da professora de copiar tudo o que deveriam e em silêncio, e ela os autorizava a ir para a aula de Educação Física”** (Silva, 2018, p. 36, grifos nossos).

A compreensão de corpo aqui transcende os aspectos expostos. No texto, o autor afirma que os professores entendem a importância do movimento e que estão, em alguma medida, despreparados para colocar em prática o movimento em suas aulas, porém fortalecem o sistema em que estão instaurados. Silva (2018), por outro lado, incorpora que as concepções que olham para o movimento e para o sujeito são resultados de um processo histórico, cultural e socialmente vivenciado. Por isso, em um destaque do diário de campo, o autor menciona:

Do meu lado uma menina diz que gostaria de ter ficado em casa para fazer companhia para a mãe e os cachorros, pois hoje ela estava de folga do trabalho. Quanta coisa passa na cabeça de uma criança, seus anseios, medos e vontades, para que cheguemos, como professores, exigindo que esqueçam tudo isso e passem a querer aquilo que nós queremos para elas. O professor a chama, “me deixa em paz” – ela responde (Silva, 2018, p. 37).

Deste modo, a monografia de Silva (2018) traz aspectos importantes para compreendermos o fortalecimento do adestramento corporal nas instituições de ensino. Esse movimento está relacionado com a questão do presente TCC, pois denota o quanto o corpo está em evidência e o quanto a escola ainda fortalece o controle dos corpos em formação, pois por mais que o olhar de Silva (2018) encare uma compreensão de corpo histórica, política e social, percebe-se que a estrutura escolar fortalece o intuito militarista e biológico, desconsiderando a história, o contexto e as necessidades dos sujeitos.

Não é de hoje que o controle corporal existe dentro das instituições. As monografias levantadas pela pesquisa denotam um adestramento em foco nas instituições de ensino, percebendo-se o quanto o corpo dos sujeitos é subjugado e o quanto os aspectos sociais e culturais que constituem o ser são negligenciados.

Considerando o exposto, categorizou-se as análises em duas vertentes: a primeira é das rupturas, práticas e concepções de um corpo biológico; e a segunda é das contradições, discursos, práticas e concepções da EDF do corpo ao se movimentar.

4.1.1 RUPTURAS, PRÁTICAS E CONCEPÇÕES DE UM CORPO BIOLÓGICO

Em relação às rupturas, práticas e concepções de um corpo biológico, as monografias, em sua maioria, tentam de alguma forma romper com as ideias encontradas nas escolas, onde o ponto de vista dos estudantes e escritores são olhares de rupturas, ou seja, as concepções de corpo são de caráter histórico, social e cultural nos comportamentos relatados. Katcipis (2020) nos auxilia nesse sentido, discutindo que a perspectiva histórica e cultural estão presentes na compreensão de corpo, baseado em Burke (2015):

A interpretação do ponto de vista histórico-cultural faz parte de um processo que busca as maneiras e motivos que levam a determinadas formas de se pensar o mundo, buscando os conceitos que instituem os símbolos responsáveis pela significação da vida humana. Essa busca tenta se aproximar do entendimento das circunstâncias de produções (contexto cultural) e intenções que formulam a compreensão humana (Burke, 2015 *apud* Katcipis, 2020, p. 81).

Assim, Katcipis faz uso de entrevistas e questionários feitos durante a pesquisa para auxiliar na compreensão das respostas dos entrevistados, deste modo conseguir expor de forma fiel os possíveis resultados, para além das questões quantitativas levantadas na monografia. Bisneto (2018) também compreende que o corpo possui suas singularidades e que compreender um corpo é, também, compreender a cultura e a forma como o sujeito vê o mundo, aspecto que pode (e irá) influenciar os resultados da pesquisa.

[...] o ser humano é um ser cultural, até mesmo no seu movimentar—donde nós só poderemos dar conta de entender como o humano se movimenta, entendendo a cultura que nele ali está implícita. Uma vez que, já não é mais, simplesmente o movimento, mas o que aquele movimento representa dentro da circunstância da informação que o faz ter as características que tem e da informação que vai passar a partir da manifestação daquele movimento. É por isso que o caminhar do macaco tem uma característica e o caminhar do ser humano tem outra, porque é culturalizado. Segundo isso, nessa dimensão, informação do nosso corpo é o objetivo dessa investigação, entendendo-o enquanto língua, entendendo-o, enquanto estrutura subjacente, procurando aqui, como se verá no final do trabalho, os negativos dos movimentos -não o movimento negativo, e sim como num princípio de homeopatia. Qual é a tensão, o ressaibo, o resquício do movimento que fica do ato de movimentar-se, dos sujeitos, assim como a própria tensão antecessora que leva que se movimente, que é o próprio necessário ao substrato da vida levando aqui, do nascer, a que a ontologia já nos leve a uma tensão em movimento perpétuo que só cessa com a morte (Bisneto, 2018, p. 18).

A ideia de que a cultura influencia os movimentos humano e que estes carregam significados culturais relevantes é um aspecto relevante para se considerar no curso de EF. Deste modo, afirmar que o ser humano é um ser social e cultural ressalta a importância da cultura na

formação do comportamento humano, pois a cultura influencia não apenas o modo como as pessoas se comportam, mas também como se movimentam.

A partir disso, percebeu-se que os estudantes, de modo geral, possuem um olhar crítico para questões inerentes ao corpo e suas concepções, indo de encontro ao que é visto nos relatos de diários de campo dos graduandos sobre as instituições de ensino.

4.1.2 CONTRADIÇÕES, DISCURSOS, PRÁTICAS E CONCEPÇÕES DA EDUCAÇÃO FÍSICA DO CORPO AO SE MOVIMENTAR

Podemos destacar três principais contradições nesta pesquisa: o movimentar-se, as situações punitivas e a estrutura física dos ambientes escolares.

Durante a leitura das monografias, chama a atenção que, em alguns momentos, os acadêmicos que estão escrevendo os TCCs possuem um olhar histórico, cultural e social para os sujeitos; contudo, a forma como o movimentar-se na escola está colocado em algumas monografias evidencia a ideia de que existe uma concepção sólida: que esses sujeitos devem se manter sentados, comportados, obedecendo regras, inertes ou, ainda, devem se movimentar apenas quando permitido. Isto porque, pelo que se apresenta de acordo com as pesquisas, existe uma crítica ao corpo em movimento, ainda que, quando esses corpos estão em movimento sem um propósito educacional dentro da aula, os discentes tendem a controlar e parar esses corpos; logo, a experimentação e o movimentar-se estariam vinculados apenas às propostas pedagógicas, enfatizando a ideia do movimentar-se dentro de uma lógica homogeneizadora. Portanto, quando existe um movimento fora das propostas pedagógicas, ou ainda que dentro das propostas e em dissonância com o que foi solicitado, os comportamentos dessas crianças são considerados atípicos e logo classificados.

Vendo toda aquela movimentação a professora sugeriu o jogo do silêncio. Pensei: de novo?! Cabisbaixos, lá fomos nós para as cadeiras, controlarmos toda aquela excitação proporcionada pelo momento anterior. Todos sentados e quietos, a professora abre a porta como quem diz: “eles já podem sair”. Pais, mães e irmãos os aguardavam (Silva, 2018, p. 43).

O trecho apresentado descreve uma situação em que a professora sugere o jogo do silêncio para controlar a animação das crianças. Silva (2018) expressa sua frustração com a ideia de repetir o jogo do silêncio, o que pode sugerir que o jogo não seja eficaz o suficiente para controlar a animação das crianças ou que possa estar se tornando monótono e desinteressante para elas. Portanto, ao repetir a sugestão do jogo do silêncio, por parte da professora, pode se interpretar que a atividade foi empregada como um meio de controlar o comportamento dos alunos. Embora o

controle seja necessário em certas situações, a repetição frequente de estratégias restritivas pode ser limitadora para o desenvolvimento da expressão e criatividade dos estudantes. Ressalta-se, também, que ao repetir esse jogo, indica-se que a imposição do jogo do silêncio pode ter um efeito negativo no estado emocional das crianças, o que levanta questões sobre o equilíbrio entre a disciplina e o bem-estar emocional dos estudantes.

Outra contradição seria a vinculação da EDF como moeda de troca: a disciplina escolar sendo utilizada como moeda de troca por parte de professores é comumente percebida e aponta para um problema no sistema educacional. A EDF é uma disciplina fundamental para o desenvolvimento integral, promovendo a saúde, o bem-estar físico, a sociabilidade e o aprendizado de habilidades motoras. Nesse sentido, Silva (2018, p. 36) afirma que: “[...] Ao perceber tal bagunça – leia-se sobreposição do desejo de brincar e interagir, a busca incessante pelo silêncio e imobilidade – perguntava: ‘Querem ficar aqui comigo na Educação Física?’. Logo tudo voltava à normalidade”.

Quando a EDF é utilizada como uma ferramenta para recompensar ou punir as crianças, perde-se o foco em seu propósito principal. Ao condicionar a participação das crianças em atividades físicas, ao cumprimento de demandas de outra natureza como tarefas acadêmicas ou comportamentais, a disciplina se torna instrumentalizada. Esta troca de favores, entre professores e alunos, evidencia uma desvalorização da disciplina de EDF, tornando-a apenas um meio de obter algo em troca.

Essa abordagem pode ser problemática, pois coloca a disciplina em uma posição secundária, sendo tratada como uma recompensa ou uma atividade de menor importância em relação às demais, o que pode afetar a motivação das crianças em relação à participação nas aulas de EDF. Destaca-se, diante disso, a necessidade de repensar a forma como a EDF é valorizada e integrada ao currículo escolar, buscando reconhecê-la como uma disciplina essencial para o desenvolvimento físico, emocional, social e cognitivo.

Existe um outro momento que é ressaltado por Silva (2018), ao longo do texto, sobre questões que evidenciam a punição e o controle desses sujeitos:

A fila se forma diante da mesa da professora, pois assim ela não precisa se levantar. Logo começam a aparecer brincadeiras, empurrões, muitos diálogos, conseqüentemente um burburinho. “Opa, perdi o controle da situação”, deve ter pensado a professora antes de dizer em alto, bem alto, e bom som – “Eeei, o que é isso?” Pronto, controle reestabelecido – crianças enfileiras, praticamente “está tua”, segurando o caderno para mostrar a tarefa. [...] Ouço mais uma sirene – são 14 horas e 15 minutos, era a segunda aula – a Educação Física. A alegria era tão grande que não cabia dentro de si, a euforia tomou conta. [...] Ah, a professora já saiu, mas antes determinou que duas crianças ficassem na sala, sozinhas, terminando de copiar o cabeçalho. [...] O Professor de EdF saiu na frente das crianças que imediatamente formam duas filas, uma de meninos, outra de meninas. Lá vai ele, os

pequenos correm atrás. Sou o último a sair, vejo que as filas já não existem mais –são inadequadas para a vontade de correr e se movimentar deles. As duas ficaram na sala. [...] Passaram-se cerca de 15 minutos e lá vem as duas crianças que ficaram copiando a tarefa. O professor sem entender nada, de maneira ríspida, perguntou: “onde vocês estavam?” Tentaram-se explicar, mas mesmo assim ele as colocou sentadas num banco, assistindo os colegas brincarem. Fui até ele, contei o que havia acontecido e perguntei qual sua opinião sobre o ocorrido. Me disse não se importar que fiquem na sala copiando, desde que a professora esteja junto, pois são pequenas para ficarem sozinhas. Percebi então que aqueles conhecimentos construídos nas suas aulas são de menor importância em relação ao ler e escrever (Silva, 2018, p. 35-38).

Os trechos acima evidenciam a ideia de punição destes corpos por fazerem algo que não estava previsto. Segundo o relato de Silva (2018), o professor deixou os dois estudantes desassistidos, ou seja, sozinhos em sala, compactuando com a professora, pois as crianças estavam sob a responsabilidade dele no momento em que ele entrou na sala. Deste modo, a ideia de punição das crianças veio de algo que elas supostamente teriam feito de errado; nesse caso, houve punição ao serem privadas de irem com seus colegas para a aula de EDF. Ao chegarem atrasadas no ginásio, foram duplamente humilhadas pelos docentes, ficando registrado no diário de campo do pesquisador que as crianças não chegaram atrasadas por culpa delas, mas sim por uma circunstância imposta a elas, que, nesse caso, seria de finalizarem a cópia do cabeçalho.

Ressalta-se, aqui, o adestramento e a forma de punição enraizada no setor educacional, ressaltando a lógica biologizante e controladora dos corpos, expondo essas crianças e burlando o direito ao cumprimento da carga horária que esses sujeitos têm.

Outro trecho que chama atenção, nessa linha de evidenciar o controle das crianças, é o registro que Silva (2018) faz sobre a aula de EDF, observando que:

Em determinados momentos, o desafio de chegar até o outro lado da quadra durou nove segundos, enquanto o tempo de espera até que todos chegassem e o professor liberasse demorou um minuto e oito segundos. A necessidade da permissão do professor para exercer determinadas e variadas funções está sendo internalizada pelas crianças – bom trabalho da escola, péssimo para elas. Ao longo da brincadeira pune-se algumas crianças por quebrarem as regras, mas ao que parece, poucas se apropriaram da dinâmica proposta e dos limites temporais e espaciais (Silva, 2018, p. 38).

No momento de aula relatado, percebe-se que não existe muita autonomia dos sujeitos durante atividade, mas que existe a implementação de regras sem a possibilidade de entendimento e interlocução, ressaltando o excesso de supervisão e controle exercido pelos professores, os quais limitam a autonomia e a criatividade das crianças, além de dificultarem o pleno aproveitamento da atividade por parte delas.

Deste modo, percebe-se as estratégias de controle corporal e comportamental desses sujeitos, ou seja, deixá-los fora, excluí-los, classificá-los, querer que fiquem “sentadinhos”, que

respeitem as regras, mesmo que elas não façam sentido, que memorizem o que deve ser feito e que repitam como deve ser feito. Percebe-se, portanto, que essas são estratégias basilares da formação da EDF, por meio das quais dos métodos ginásticos, a exemplo da repetição, da padronização e da separação, verifica-se que está tudo vinculado e fortalecido no chão da escola. Ainda que seja possível perceber rupturas desse tipo de prática, nota-se ainda que tais práticas se apresentam na escola de múltiplas formas.

A terceira contradição se coloca aqui é referente à estrutura física da escola, inapta para o corpo da criança. Nesse sentido, Silva (2018) alerta que:

Instituição faz as crianças e adolescentes pensarem que tudo aquilo que os cercam é o “normal” ou o “certo”. É certo abandonar a brincadeira para aprender a ler e escrever, e repetir inúmeras vezes letras e números; é normal ficar um mês sem professor no início do ano letivo ou ficar horas sentado, imóvel, em uma cadeira inadequada, sem possibilidade de expressar-se. [...] começando pela mobília, todos ficaram com os pés suspensos. É totalmente inadequado, alguns dependurados na carteira. A escola regular hoje está preparada para alunos maiores, ela não tem a característica de continuidade da infância. [...] Da mesma forma, em nossas observações, percebemos que muitas adequações foram feitas de maneira a “quebrar galhos”, como por exemplo, nos bebedouros da escola foram colocadas duas lajotas, uma em cima da outra, para que as crianças alcançassem a saída de água (Silva, 2018, p. 22-25).

Os trechos denotam a precarização das instituições em detrimento do real objetivo de uma sala de aula sendo importante considerar a ergonomia e a segurança das crianças durante o processo de aprendizagem. Se a mobília, por exemplo, não estiver adequada ao tamanho dos estudantes, isso pode causar desconforto, prejudicar a postura e interferir no foco e na concentração, mostrando o quanto o ambiente escolar, por diversas razões, não foi criado para uma educação de um sujeito pleno, pensando em suas particularidades e necessidades, mas sim homogeneizando os corpos e os modos de ser.

Conclui-se, assim, que o ser social aqui colocado nas análises é visto como um sujeito a ser controlado constantemente, isto é, os corpos são punidos, castigados, excluídos da possibilidade de compreensão de sua importância e atuação no espaço educacional.

Percebeu-se que existe uma tentativa de ruptura nas monografias levantadas, se manifestam quando os autores questionam práticas que não se alinham de maneira coerente com o contexto escolar, práticas essas que reforçam o controle corporal, contudo o debate articulado acerca dessa ruptura tem sido feito de maneira muito incipiente na universidade. As questões pedagógicas que potencializam os profissionais a construírem práticas democráticas, acessíveis a todos, com compreensão dos estudantes como sujeitos históricos, sociais, culturais e também biológicos, ficam muito aquém do necessário.

Percebe-se que, na maioria das práticas pedagógicas das aulas de EF, não existe um entendimento de processo de formação humana, visto que se trabalha com o corpo e com o processo de formação humana, entendendo como o aluno se constitui e de que forma ele se coloca nas instituições. Temos uma educação que tem buscado formar sujeitos para atender às necessidades de um tipo de sociedade, uma sociedade capitalista; sendo importante, para o funcionamento do sistema, que essa formação dos sujeitos seja conduzida de modo a deixá-los regrados, obedientes, parados, adestrados. Logo, fortalece-se uma lógica de formação humana que é direcionada para o capital e não para atuação cidadã, ou seja, democrática, de um sujeito crítico.

É importante ressaltar que, nesta pesquisa, não está sendo defendido que não devem existir regras, mas sim que a forma como se constrói um entendimento das regras se dá por via da punição, e não da participação crítica dos estudantes. As regras impostas pela punição geralmente se baseiam em uma abordagem autoritária, buscando controlar o comportamento por meio de medidas punitivas, de regras compreendidas pelo sujeito na escola e acolhidas em um processo de participação, podendo promover um ambiente de aprendizado colaborativo, tornando-se significativa a aprendizagem.

Percebeu-se que o caráter punitivo nas práticas docentes com ações como: (trazer as práticas punitivas que ocorrem na EDF) tornam-se estratégias de controle corporal, o que impede a experiência com a cultura corporal de movimento. Ou seja, ao punir, padroniza-se movimentos impedindo um processo de inclusão que seja pautado na experiência escolar com a diversidade dos modos de se comportar, se expressar, aprender. Com isso, passamos a não ter práticas de ensino na E.F, mas sim de Adestramento. O corpo torna-se instrumentalizado, ou seja, um instrumento que serve para a execução de algo e não expressão de si mesmo como leitura de mundo.

Existe um longo caminho a ser percorrer para alcançar a plena inclusão e aceitação de todas as pessoas, independentemente de sua capacidade, identidade de gênero, orientação sexual ou aparência física. A conscientização e o diálogo contínuos são essenciais para promover a diversidade e combater a discriminação, preconceito e estereótipos que persistem em nossa sociedade. É um desafio coletivo, mas a busca por uma sociedade mais inclusiva e justa continua a ser uma meta importante a ser alcançada nos dias atuais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início da pesquisa, estabeleceu-se como objetivo investigar como seriam as concepções de corpos presentes nas monografias produzidas por estudantes do curso de licenciatura em Educação Física (EDF) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no período de 2015 a 2021. Para atingir esse objetivo, identificou-se o que as pesquisas de Trabalhos

de Conclusão de Curso (TCC) estavam mobilizando suas discussões a partir da relação entre a concepção de corpo e a EDF no contexto educacional. Mediante este levantamento, analisou-se de que maneira a área de EDF estava compreendendo o corpo e como essas concepções influenciam nas práticas pedagógicas em EDF para, assim, ser possível discutir sobre a relação do movimento da medicalização e a concepção de corpo na atualidade.

No decorrer da presente pesquisa, foi realizado o levantamento das monografias de forma minuciosa e das concepções relacionadas aos corpos, as quais foram identificadas nas monografias selecionadas. Essa pesquisa converteu-se em descobertas de grande relevância, observando uma tentativa de romper com os paradigmas nos estudos voltados ao olhar dos pesquisadores de cada monografia analisada.

No entanto, constatou-se que essa tentativa de ruptura ainda está em estágios incipientes no ambiente universitário, com as questões pedagógicas que realmente auxiliam nesse processo estando ainda predominantemente ancoradas em uma racionalidade médica e biologicista.

Além das considerações anteriores, foram analisadas as estratégias disponíveis para os educadores promoverem essa ruptura, não apenas em termos discursivos, mas também em termos conceituais. No entanto, percebe-se que muitas vezes as abordagens utilizadas assemelham-se aos métodos ginásticos do passado, nos quais o foco recai na obediência às regras e na execução exemplar de movimentos predefinidos.

Quando se trata das práticas relacionadas ao movimento corporal, observa-se uma tendência a enquadrá-las em um modelo homogêneo e classificatório, frequentemente associado às punições. Isso resulta em um cenário em que aqueles que não realizam os movimentos acabam por não internalizar a cultura corporal, ou que divergem do conceito de aprendizagem evidente e da vivência da experiência corporal, que vai além da mera execução de tarefas.

Mesmo considerando a importância da EDF como disciplina, ainda é possível constatar um desalinhamento entre sua proposta e a prática. A EDF, quando inserida no contexto escolar, transcende o lazer e a esportivização, tornando-se uma disciplina com conhecimentos específicos e objetivos definidos. formação. Nesse contexto, ao analisar as investigações específicas, nota-se que, em algumas situações, os profissionais não têm priorizado com a devida seriedade o desenvolvimento de suas próprias habilidades e conhecimentos dentro da formação.

A presente investigação salienta que, a partir desta abordagem, não se objetiva a eliminação das regras; contudo, é crucial compensar a maneira pela qual o entendimento das regras é construído. Atualmente, essa construção muitas vezes se dá por meio da aplicação de punições, conforme descrito pelos exemplos citados, ao invés de ser cultivada por meio da participação crítica dos estudantes. Enquanto as regras impostas por meio de punições refletem, muitas vezes,

uma abordagem autoritária, envolvendo o controle comportamental dos estudantes por meio de medidas punitivas, as regras internalizadas pelo sujeito e incorporadas ao processo escolar têm o propósito de fomentar um ambiente de aprendizado colaborativo e harmonioso, contribuindo, assim, para a significância da experiência educacional.

Esses resultados corroboram com a importância de examinar as concepções dos corpos que esses futuros profissionais estão delineando ao longo de suas graduações, sob a perspectiva qualitativa desse conteúdo.

Os esforços foram direcionados para avaliar em que medida as hipóteses iniciais foram confirmadas. Os resultados obtidos confirmam as hipóteses, no sentido de que a concepção formadora dos licenciados em EDF possui um viés fortemente biológico para com os corpos dos estudantes. Contudo, existe uma tentativa de ruptura, em alguma medida, por parte desses estudantes, reforçando a relevância da abordagem elegida e aprofundando a compreensão sobre as concepções dos corpos para um controle corporal salientado nas instituições de ensino.

Este estudo ressalta as contribuições significativas para o campo da EDF, sendo considerado como um estudo pioneiro na contribuição da compreensão dos corpos sob o olhar dos estudantes da licenciatura e como essas concepções influenciam nas práticas pedagógicas em EDF, relacionando essas concepções à relação do movimento da medicalização e à concepção de corpo na atualidade. Essas contribuições preenchem lacunas previamente identificadas e oferecem novas perspectivas para o campo da EDF.

É imperativo reconhecer que houve desafios durante esta pesquisa, podendo-se destacar a falta de materiais que embasassem esta temática no campo da EDF, sendo este um dos pontos mais dificultosos para o seguimento da pesquisa. Salienta-se também que as leituras das monografias tiveram que ser refeitas mais de uma vez, para que se pudesse compreender as concepções de corpos nas escritas. O tempo é um fator importante nas pesquisas qualitativas, portanto, é reconhecido que as mudanças nas percepções e situações ao longo do tempo podem afetar as implicações e análises futuras. Esses desafios, embora relevantes, não invalidam as conclusões apresentadas, mas indicam áreas que requerem investigações adicionais.

As implicações práticas deste estudo são evidentes, pois mechem com a estrutura enraizada que atualmente está no curso de EDF, com suas raízes fortemente cravadas no olhar biológico.

As conclusões apresentadas têm o potencial de influenciar não apenas a forma como os licenciados em EDF são preparados para o ambiente escolar, mas também como a sociedade como um todo percebe e aborda o processo de medicalização para o controle corporal dos discentes.

As implicações práticas do presente estudo sugerem a necessidade de uma abordagem mais holística da EDF, que não apenas valorize os aspectos biológicos, mas também os psicológicos,

sociais e emocionais. Isso pode envolver a reformulação dos currículos de graduação em EDF para incorporar uma compreensão mais ampla do papel desta disciplina na escola. Além disso, políticas de saúde e diretrizes educacionais podem ser revisadas para enfatizar a importância da quebra de paradigmas biológicos para uso do controle corporal.

Durante esta jornada, foram adquiridos *insights* (compreensões) profundos sobre as leituras de Michel Foucault e outros autores que foram cruciais para o desenvolvimento dessa pesquisa, pois foi por meio destes que se compreendeu o que é, realmente, um corpo e como ele é compreendido. Ao abstrair que o conceito de corpo sofreu modificações ao longo dos tempos, percebe-se, ainda, que a base do controle corporal para moldar os sujeitos ainda se torna presente nos dias atuais.

Em síntese, esta monografia evidencia a relevância das concepções sobre corpo dos estudantes na reta final de formação em EDF. As conclusões aqui apresentadas reforçam a importância de continuarmos criando rupturas sobre o olhar biologizante que a própria formação carrega. Esperamos que este trabalho estimule novas discussões e inspire pesquisas futuras nesta fascinante área de estudo.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BISNETO, Thomé Mendes Ribeiro. **Epistemologia, Estruturalismo e Educação Física: da possibilidade da abordagem estruturalista a uma concepção epistemológica em educação física – episteme, corpo e estrutura.** 2018. 152 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/192665>. Acesso em: 22 set. 2023.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Portugal: Porto Editora, 1994. 167 p. Tradução de Maria João Sara dos Santos e Telmo Mourinho Baptista.

BRACHT, Valter. **Cultura Corporal, Cultura de Movimento ou Cultura Corporal de Movimento?** In: SOUZA JÚNIOR, M. Educação Física Escolar: teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica. Recife: EDUPE, 2005. p. 97-106.

CAPONI, Sandra; LAJONQUIÈRE, Leandro de; MARTINHAGO, Fernanda. Apresentação: (psico)pedagogização e medicalização. **Política & Sociedade**, [S.L.], v. 19, n. 46, p. 7-12, 29 jan. 2021. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7984.2020.e79141>.

CARRANÇA, Thais. **Crise de saúde mental nas escolas: 'alunos estão deprimidos, ansiosos, em luto e faltam psicólogos'.** G1. [S. L.], 25 ago. 2022. p. 1-1. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2022/08/25/crise-de-saude-mental-nas-escolas-alunos-estao-deprimidos-ansiosos-em-luto-e-faltam-psicologos.ghtml>. Acesso em: 15 set. 2023

Souza Júnior, M., Barboza, R. de G., Lorenzini, A. R., Guimarães, G., Sayone, H., Ferreira, R. C., Pereira, E. L., França, D., Tavares, M., Lindoso, R. C., & Sousa, F. C. de .. (2011). **Coletivo de autores: a cultura corporal em questão. Revista Brasileira De Ciências Do Esporte**, 33(2), 391–411. <https://doi.org/10.1590/S0101-32892011000200008>

CHICON, José Francisco. **Inclusão e exclusão no contexto da educação física escolar.** Movimento (Esefid/Ufrgs), [S.L.], v. 14, n. 1, p. 13-38, 30 abr. 2008. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.3760>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/3760>. Acesso em: 22 set. 2023.

CHICON, José Francisco; RODRIGUES, Graciele Massoli (org.). **Educação Física e os desafios da inclusão.** Vitória: EDUFES, 2013. 214 p.

CHRISTOFARI, Ana Carolina. **Modos de ser e de aprender na escola: medicalização (in)visível?.** 2014. 174 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/94739>. Acesso em: 22 set. 2023.

CHRISTOFARI, Ana Carolina; FREITAS, Claudia Rodrigues de; BAPTISTA, Claudio Roberto. **Medicalização dos Modos de Ser e de Aprender. Educação & Realidade**, [S.L.], v. 40, n. 4, p. 1079-1102, 25 ago. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623642057>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/edreal/a/Hm54ZmPqwdPSvbpdjBsXbgS/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 22 set. 2023.

FOUCAULT, Michael. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. 11a ed., M. T. da Costa Albuquerque & J. A. Guilhon Albuquerque, trads. Rio de Janeiro: Graal, (1988). 151p. (Trabalho original publicado em 1976)

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. 27. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999. 348p.

FREITAS, Claudia Rodrigues de. **Corpos que não param: criança, “TDAH” e escola**. 2011. 195 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Cap. 195. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/32310>. Acesso em: 22 set. 2023.

GAUDENZI, Paula; ORTEGA, Francisco. **O estatuto da medicalização e as interpretações de Ivan Illich e Michel Foucault como ferramentas conceituais para o estudo da desmedicalização**. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, [S.L.], v. 16, n. 40, p. 21-34, 26 abr. 2012. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-32832012005000020>.

GIFFIN, Karen Mary. (1991). **Nosso corpo nos pertence: a dialética do biológico e do social**. *Cadernos De Saúde Pública*, 7(2), 190–200. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1991000200005>

GÓMEZ, Ángel I. Pérez. **La cultura escolar en lasociedad neoliberal**. 1999. Editora MORATA, Madri. 31p. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/321298858/la-cultura-escolar-Perez-Gomez-2-Unidad-1-pdf>. Acesso em: 27 Out. 2023

JESUS, Josiane Ribeiro de. **A Musicalização na Educação Física e as possibilidades de “Semovimentar”**. 2018. 44 f. TCC - Curso de Educação Física, Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/188792>. Acesso em: 22 set. 2023.

KATCIPIS, Luiz Felipe Guarise. **Corpo e História na construção cultural da imagem corporal de estudantes em uma escola de Florianópolis**. 2020. 107 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação Física, Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/218636>. Acesso em: 22 set. 2023.

LIMA, Rubens Rodrigues. História da Educação Física: algumas pontuações. **REVISTA ELETRÔNICA PESQUISEDUCA**, [S. l.], v. 7, n. 13, p. 246–257, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/199>. Acesso em: 22 set. 2023.

LOTTERMANN, Josimar. **Multiletramentos e Educação Infantil: uma experiência de prática pedagógica no estágio supervisionado em educação física**. 2016. 79 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação Física, Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/191314>. Acesso em: 22 set. 2023.

MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso. **A Medicalização na Educação Infantil e no Ensino Fundamental e as Políticas de Formação Docente**. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO (ANPED), 31, 2008, Caxambu. **Anais [...]** Rio de Janeiro: Editores Associados, 2008.

MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso. **A Institucionalização Invisível: Crianças que não aprendem- na- escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras; Fapesp, 2001.

MOYSES, Maria Aparecida Affonso; COLLARES, Cecília Azevedo Lima. **Controle medicalização da infância**. *Desidades*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 11-21, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2318-92822013000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 22 set. 2023.

NUNES, Mário Luiz Ferrari; RUBIO, Kátia. **O(s) currículo(s) da Educação Física e a constituição da identidade de seus sujeitos**. *Currículo Sem Fronteiras*, São Paulo, v. 8, n. 2, pág. 55-77, jul. 2008. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, p. 23 (Original publicado em 1975).

RAMOS, Jair Jordão. **Os exercícios físicos na história e na arte**. São Paulo: Editora IBRASA. 1982.

SIGNOR, Rita de Cassia Fernandes; BERBERIAN, Ana Paula; SANTANA, Ana Paula. **A medicalização da educação: implicações para a constituição do sujeito/aprendiz**. *Educação e Pesquisa*, [S.L.], v. 43, n. 3, p. 743-763, 3 nov. 2016. FapUNIFESP (SciELO).

<http://dx.doi.org/10.1590/s1517-9702201610146773>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/zJX54HZ6LJqPb4s3nfGF6tb/?lang=pt>. Acesso em: 22 set. 2023.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Descobrir o corpo: uma história sem fim**. In: FACED/UFRGS et al (ed.). *Educação & Realidade: Produção do corpo*. 2. ed. Porto Alegre: Rosa Maria Bueno Fischer, 2000. p. 05-224. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/issue/view/2425/372>. Acesso em: 29 maio 2023.

SILVA, Lia Spadini da; SZYMANSKI, Luciana. **Crianças e seus diagnósticos no cenário da educação inclusiva: a perspectiva de mães e professoras**. *Educação e Pesquisa*, [S.L.], v. 46, p. 1-18, 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1678-4634202046225328>.

SILVA, Maycon Douglas da. **A criança de seis anos no ensino fundamental: o respeito à necessidade de movimentar-se no cotidiano escolar**. 2018. 62 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/188798>. Acesso em: 22 set. 2023.

SIQUEIRA, Francin Alexandrina de. **Educação Física e Questões de Gênero: um estudo a partir de estágio supervisionado**. 2017. 38 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/184767>. Acesso em: 22 set. 2023.

SOARES, Carmem Lúcia. **Educação Física: raízes europeias e Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1994. 3. ed. 78 p.